

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PEDAGOGIA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS

CRISTIANE CASTILHO FUCILINI

O ESTÁGIO NA CONSTITUIÇÃO DA DOCÊNCIA E IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS(AS)
PEDAGOGOS(AS)

Porto Alegre
2021

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL - PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES – CURSO DE PEDAGOGIA

**O ESTÁGIO NA CONSTITUIÇÃO DA DOCÊNCIA E IDENTIDADE PROFISSIONAL
DOS(AS) PEDAGOGOS(AS)**

CRISTIANE CASTILHO FUCILINI

Porto Alegre

2021

CRISTIANE CASTILHO FUCILINI

**O ESTÁGIO NA CONSTITUIÇÃO DA DOCÊNCIA E IDENTIDADE
PROFISSIONAL DÓS(AS) PEDAGOGOS(AS)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia-Educação Infantil e Anos Iniciais da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Mónica de la Fare

Porto Alegre

2021

CRISTIANE CASTILHO FUCILINI

**O ESTÁGIO NA CONSTITUIÇÃO DA DOCÊNCIA E IDENTIDADE PROFISSIONAL
DOS(AS) PEDAGOGOS(AS)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia-Educação Infantil e Anos Iniciais da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em ___de _____de 2021

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Mónica de la Fare – PUCRS

Convidado(a): Profa. Dra. Síntia Lúcia Faé Ebert - PUCRS

Dedico este estudo a todos os educadores, guerreiros virtuosos, que apesar das lutas e desafios da profissão seguem resistindo e buscando a excelência em sua prática docente. Sigamos firmes pela educação que forma e transforma.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que estiveram ao meu lado ao longo destes anos de formação, me apoiando das mais diversas e amorosas formas, meus Pais, meus Filhos amados, Familiares, Colegas de jornada Pedagógica, Amigos, aos admiráveis Mestres que encontrei nessa graduação e que me fizeram acreditar que a Prática Docente é como tocar a mais bela sinfonia através das mais perfeitas notas musicais.

Minha eterna gratidão a cada um.

A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, **é a própria vida**. (DEWEY, 1897, p. 77-80, grifo nosso).

RESUMO

Este estudo propõe uma reflexão acerca da importância do estágio supervisionado na organização da práxis pedagógica, sua contribuição para a constituição docente e construção da identidade profissional dos graduandos do curso de Pedagogia. Trata-se de entender a graduação como formação inicial e abordar a indispensabilidade da formação continuada. O objetivo geral desse estudo é compreender a finalidade e a importância do estágio supervisionado na formação dos(as) pedagogos(as). A posteriori, os objetivos específicos que orientam a investigação se desdobram: interpretar como ocorre o processo de constituição docente; sinalizar as bases da construção da identidade profissional dos licenciados em Pedagogia; identificar os saberes docentes. A base teórica que sustenta essa pesquisa vem de autores como Tardif (2010), Pimenta e Lima (2011) e Libâneo (1993) que discorrem sobre a pluralidade dos saberes docentes. Schön (2000) e Freire (2003) que dialogam sobre a abrangência da prática pedagógica que transcende o conhecimento teórico e disciplinar. Libâneo (2006) descreve a transdisciplinaridade das atribuições que o professor precisa atender em sua prática pedagógica. Pimenta e Lima (2011) destacam o protagonismo do estágio curricular na formação dos(as) pedagogos(as). Nas muitas contribuições de Nóvoa (1992), Freire (1996) e Schön (2000) a formação docente é considerada ato contínuo e essencial para um exercício pedagógico de caráter crítico-reflexivo. A metodologia aplicada nesta pesquisa qualitativa, foi organizada em dois roteiros de entrevista semiestruturada, a fim de apurar as contribuições do estágio supervisionado na constituição docente e identidade profissional dos pedagogos(os). O instrumento de pesquisa foi aplicado à três pedagogas formadas e uma graduanda finalizando o último semestre da graduação em Pedagogia. A partir dos dados coletados, foi possível dimensionar a importância formativa do estágio curricular e sua implicação direta sobre a constituição docente e identidade profissional.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Formação Docente; Saberes Docentes; Constituição Docente; Identidade Profissional.

ABSTRACT

This study proposes a reflection on the importance of supervised internship in the organization of pedagogical praxis, its contribution to the constitution of teachers and construction of the professional identity of the undergraduates of the Pedagogy course. It is about understanding graduation as initial training and addressing the indispensability of continuing education. The general objective of this study is to understand the purpose and importance of supervised internship of pedagogue's formation. Afterwards, the specific objectives that guide the investigation unfolds: interpreting how the teacher's formation process takes place; indicate the bases for the construction of the professional identity of Pedagogy graduates; identify the teaching knowledge. The theoretical basis that supports this research comes from authors such as Tardif (2010), Pimenta and Lima (2011) and Libâneo (1993) that discusses the plurality of teaching knowledge. Schön (2000) and Freire (2003) who discusses the scope of pedagogical practice that transcends theoretical and disciplinary knowledge. Libâneo (2006) that describes the transdisciplinarity of the attributions that the teacher needs to meet in their pedagogical practice. Pimenta and Lima (2011) highlight the prominence of the curricular internship in the training of pedagogues. In the many contributions of Nóvoa (1992), Freire (1996) and Schön (2000) teacher training is considered continuous and essential for a critical-reflective pedagogical exercise. The methodology applied in this qualitative research was organized into two semi-structured interview scripts, in order to ascertain the contributions of the supervised internship in the teacher constitution and professional identity of pedagogues. The instrument of research was applied to three trained pedagogues and one undergraduate completing the last semester of graduation in Pedagogy. From the data collected, it was possible to scale the formative importance of the curricular internship and its implications directly on teacher constitution and professional identity.

Keywords: Supervised Internship; Teacher Training; Teaching Knowledge; Faculty Constitution; Professional Identity.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações.

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CLE - Consentimento Livre e Esclarecido

CNE – Conselho Nacional de Educação.

COVID-19 - Corona Vírus Disease - doença infecciosa.

CP – Conselho Pleno

EF I – Ensino Fundamental Um (anos iniciais).

EF II – Ensino Fundamental Dois (anos finais).

EI – Educação Infantil

EJA – Educação de Jovens e Adultos.

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio.

ES – Estágio Supervisionado

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação de Ciências e Tecnologia.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

MEC – Ministério da Educação e Cultura.

NEPAPI – Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Aprendizagem e Processos Inclusivos.

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

PPGEdu – Programa de Pós-Graduação em Educação.

ProUni - Programa Universidade Para Todos.

PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso.

TDI – Técnico de Desenvolvimento Infantil

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ZOOM - Zoom Video Communications – empresa americana de serviços de conferência remota.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 13 |
| 2 | ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA CONSTITUIÇÃO DOCENTE | 22 |
| 2.1 | SABERES DOCENTES | 23 |
| 2.2 | ENSINAR E APRENDER COM PROTAGONISMO | 26 |
| 2.3 | FORMAÇÃO PEDAGÓGICA, CONSTITUIÇÃO DOCENTE E IDENTIDADE PROFISSIONAL | 29 |
| 3 | ESTÁGIO SUPERVISIONADO: DIMENSÕES DA DOCÊNCIA E DO FAZER PEDAGÓGICO | 32 |
| 3.1 | ESTÁGIO CURRICULAR NA CONSTITUIÇÃO DA DOCÊNCIA E IDENTIDADE PROFISSIONAL | 33 |
| 3.2 | RELAÇÃO TEORIA X PRÁTICA X SABERES DOCENTES | 34 |
| 3.3 | ESTÁGIO CURRICULAR – EXPERIÊNCIAS PRÉVIAS E PRECEPÇÕES SOBRE A PRÁTICA | 36 |
| 3.3.1 | Adequações do estágio supervisionado durante a pandemia: presencial, <i>online</i> e híbrida | 40 |
| 3.4 | FORMAÇÃO CONTINUADA E REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA | 41 |
| 3.5 | RESULTADOS | 44 |
| 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 46 |
| 5 | REFERÊNCIAS | 48 |
| | APÊNDICE A – Roteiros de Entrevista Semiestruturada | 52 |
| | APÊNDICE B – Transcrições das Entrevistas | 54 |

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa traz como tema o estágio supervisionado, sua importância para a formação, constituição docente e identidade profissional dos licenciados em Pedagogia. Através desse trabalho de conclusão de curso pretendo evidenciar a necessidade e importância da reflexão e diálogo, permanentes, sobre a práxis docente através das ideias e conceitos dos autores que serão apresentados nos capítulos seguintes. Também é objetivo deste estudo promover a autorreflexão e questionamento sobre a própria prática pedagógica na perspectiva de contribuição social, cultural, política e humana, pois como educadores participamos ativamente do processo de formação, transformação e constituição de indivíduos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – (LDB) nº 9394/96, Art. 61, parágrafo único, determina que o estágio curricular supervisionado do curso de Pedagogia e demais licenciaturas é obrigatório e corresponde a “[...] atividades de prática pré-profissional, exercidas em situações reais de trabalho, nos termos da legislação em vigor.”. (BRASIL, 1996). Para o estudante que está se capacitando para o mercado de trabalho é indispensável passar pelo processo formativo que o estágio curricular viabiliza.

O estágio supervisionado do curso de Pedagogia configura-se parte do processo formativo e oportuniza aos futuros educadores a aplicação dos conhecimentos teóricos e outras vivências durante o próprio período de estudos. De acordo com a Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, o estágio é definido “[...] como ato educativo escolar supervisionado que tem por objetivo desenvolver habilidades e saberes próprios da profissão docente.”. (BRASIL, 2008). Portanto, configura-se peça essencial no processo formativo acadêmico e profissional de todos os cursos de licenciaturas, cursos técnicos do ensino médio e educação especial.

Segundo a Resolução do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno - CNE/CP Nº 1 (2006) artigo 7º, inciso II, a carga horária do estágio supervisionado dos cursos de Pedagogia deve ser dividida entre a Educação Infantil e Anos iniciais do Ensino Fundamental, com possibilidade de práticas em áreas específicas como gestão, Educação de Jovens e Adultos - EJA dentre outros - desde que estejam em conformidade com o projeto pedagógico da instituição de ensino.

O curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), *locus* desta pesquisa, possui dois estágios supervisionados, portanto obrigatórios, previstos em seu currículo: Estágio na Educação Infantil com 100 horas de prática docente e Estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental com 200 horas de prática docente, totalizando uma carga de 300 horas de atividade. De acordo com a LDB, na Lei n. 9.394/96 art. 65, o estágio supervisionado deve ter, no mínimo, uma carga horária de 300h de prática docente, que envolva as dimensões da dinâmica escolar como gestão, interação de professores, relacionamento escola/comunidade e relações com a família.

A partir dessas normativas, compreende-se o importante e necessário papel do estágio curricular supervisionado na formação dos(as) pedagogos(as) e demais licenciaturas, pois promove a união entre teoria e prática desse aluno-futuro professor, resultando em um processo de conexão entre todos os saberes adquiridos no decorrer da graduação. Esses saberes, concentrados durante o curso de Pedagogia impactam diretamente na constituição da identidade profissional desse futuro educador que experienciará, de acordo com a Lei n. 9394/96 Art. 61: “[...] as atividades de prática pré-profissional, exercidas em situações reais de trabalho [...]” (BRASIL 1996). Destacando a relevância do estágio na formação docente, Pimenta e Lima (2004) asseguram que o estágio supervisionado é o princípio da práxis docente, tendo como base modelos aprendidos, exemplos observados, somados à própria ação investigativa que oportuniza múltiplas maneiras de idealizar e formatar o próprio fazer pedagógico.

O estágio supervisionado não deve assumir o papel de mero instrumentalizador técnico do profissional docente. Nas considerações de Pimenta e Lima (2011), o exercício prático pedagógico, dentre seus objetivos, prepara o estudante para o mercado de trabalho desenvolvendo habilidades específicas. Também Freire (2003), atribuía à prática pedagógica caráter formativo profundo e transformador, alcançando as esferas ética, moral, civil, política, econômica, social, cultural, disciplinares, científica e profissional; transcendendo a limitação puramente tecnicista; oportunizando a formação de um indivíduo consciente de seu papel na sociedade; exercendo seu poder de observação, investigação e reflexão acerca da realidade da escola, aluno e comunidade escolar em todos esses aspectos, indo muito além da própria ação didática.

Segundo Pimenta (2011), a docência requer do(a) professor(a) conhecimento científico do tema e técnica para ensinar, mediar e transmitir conhecimento. O fato de saber fazer não significa que se sabe ensinar, é necessário estudo, preparo, especialização para adquirir as competências necessárias para ser um educador. Em concordância com esse pensamento, Nóvoa (1995), considera que o futuro educador, assim como o profissional habilitado em Pedagogia, deve permanecer ativo em sua constituição docente, assim como na busca de alternativas para ações pedagógicas que façam conexão e atendam às necessidades de toda coletividade educacional, porque o fazer pedagógico é campo de conhecimento que fomenta, permanentemente, a autonomia na pesquisa e reflexão-crítica para a formação cultural, científica, construção da identidade profissional e cidadania dos professores.

A escolha do tema dessa investigação exploratória se vincula a minha trajetória formativa, pois compreendi a importância da ação contínua de seguir potencializando minha formação profissional e constituição docente para muito além dos conteúdos programados - ser educador é também permanecer no papel de aprendente. Dessa forma, no primeiro semestre de 2016 ingressei no curso de Pedagogia da PUCRS, através do Programa Universidade Para Todos (PROUNI), recém-chegada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), do curso de Licenciatura em Filosofia, iniciando o quinto semestre - entrei na UFRGS no primeiro semestre de 2014 e nesse período desenvolvia atividade profissional que me permitia chegar ao campus no horário estabelecido para início do turno da noite. Porém, no início do terceiro semestre do curso, uma mudança profissional e de carga horária, tornou inviável seguir com essa rotina. Foi quando passei a perder todos os primeiros períodos de aula. Contei com a compreensão e apoio dos professores, além de meu esforço e determinação em seguir adiante frequentando todas as aulas que conseguisse, entregando todos os trabalhos e me preparando para as avaliações. Apesar de toda dedicação e incentivo dos professores, chegou o momento que precisei reconhecer a grande lacuna de saberes que não conseguia alcançar sozinha e estava longe do que desejei experienciar em minha formação acadêmica, sem contar a rotina estressante de trabalho e a logística para chegar ao campus.

Foi um processo difícil, de muita reflexão e ponderação, até decidir mudar de universidade e de curso, pois a PUCRS oferece o curso presencial de Filosofia somente no período da manhã. Foi então que me vi dentro de uma sala de aula, começando do zero minha trajetória acadêmica, agora no curso de Pedagogia da PUCRS. Devo confessar que desejava fazer nova reopção de curso no semestre seguinte, migrando definitivamente para a graduação de Psicologia - uma grande paixão desde a adolescência, quando lia livros dessa temática, planejando tornar-me uma Psicanalista no futuro. Porém a Pedagogia, a turma e os professores me cativaram e escolhi ficar.

Durante o ano de 2019, passei a fazer parte como bolsista de iniciação científica, de um núcleo de pesquisa desta universidade, o Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Aprendizagem e Processos Inclusivos (NEPAPI), que faz parte do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu). Nesse mesmo período tive a oportunidade de iniciar um estágio voluntário numa instituição privada que tem como objetivo promover a formação e desenvolvimento humano desde a primeiríssima infância, oferecendo um ambiente acolhedor e inclusivo através de diversos projetos, ações pedagógicas e culturais envolvendo toda comunidade escolar. Esse foi meu primeiro contato com a prática docente no papel de auxiliar da professora titular em uma turma da educação infantil, na faixa etária dos 4 aos 5 anos. Ambas as experiências foram muito ricas e significativas para minha formação. Através dessas atividades experienciei os desafios, conquistas, angústias, erros, acertos e questionamentos que somente estas vivências poderiam proporcionar e, por isso mesmo, vêm fomentando e definindo minha docência.

Em fevereiro de 2020, havia iniciado uma nova experiência de estágio em escola da rede privada de ensino, atendendo crianças do terceiro ao sexto ano no turno inverso ao da aula, acompanhando a rotina de almoço, higiene, repouso, estudos para provas, leitura de textos, tema para casa, laboratório com especialistas, brincadeiras, recreação, jogos, além de atividades elaboradas por mim, atendendo a diversidade da faixa etária e de interesses. No mês de março desse mesmo ano o país se viu em meio à pandemia pelo Covid-19, por isso a instituição decidiu dispensar toda a equipe de estagiárias, pois as aulas passaram para a modalidade *online*.

A partir das experiências e aprendizados que vivenciei e ainda vivencio na universidade, penso que o espaço escolar, seja ele formal ou não formal, é antes de tudo lugar de desenvolvimento humano em suas infinitas possibilidades. O(A) professor(a), junto com a família, sociedade e governo, devem somar forças a fim de promover esse desenvolvimento, enxergando cada sujeito com sua singularidade e especificidades para a promoção de experiências que fortaleçam seus potenciais e possibilitem novos saberes, e o estágio é parte desse processo. O diálogo aplicado com vistas à pesquisa, investigação e reflexão sobre os sujeitos, seus saberes prévios e sua realidade é fator determinante para nortear o planejamento de abordagens pedagógicas carregadas de intencionalidade e sensibilidade para com os interesses desse indivíduo, tornando o processo de aprendizagem crítico-reflexivo e um desenvolvimento mais significativo. Freire (2002), demonstra que a formação continuada é determinante para a construção do pedagogo(a), assim como o exercício de reflexão-ação-reflexão das intenções e contextos que devem atravessar e orientar a práxis de todo educador(a).

A realidade do estágio supervisionado, dentro dos espaços escolares que recebem esses futuros pedagogos(as), nem sempre se alinha a esse ideal de acolhimento e participação ativa na formação de um futuro educador. No curso de Pedagogia da PUCRS, ao final do primeiro e segundo estágios os(as) alunos(as) participam do Fórum dos Estágios, atividade realizada ao final do semestre com todas as turmas de estágio para compartilhamento de experiências. Nessas oportunidades testemunhei relatos muito positivos de colegas que encontraram receptividade e suporte da instituição e corpo docente com professores colaborativos e atuantes, participando ativamente da formação profissional durante a realização de seu estágio.

Nem todos os estagiários têm a mesma sorte, muitas vezes surpreendidos pela falta de empatia e apoio nessa experiência constitutiva do fazer pedagógico, tornando o processo difícil e destituído de seus verdadeiros objetivos. Com o isolamento social essa situação foi agravada, pois com as escolas funcionando em padrão remoto, o acesso desses estagiários às atividades no formato presencial ficou impossibilitada durante a fase mais intensa de contágio do COVID-19 e a intensificação do isolamento social, facultou a participação, via recursos tecnológicos, na modalidade *online*.

Esta adaptação tecnológica trouxe consigo sobrecarga aos professores titulares, falta de acessibilidade a recursos tecnológicos em expressiva parcela dos alunos que frequentam a rede pública de ensino, dificultando e até mesmo impossibilitando que acompanhem as vídeo aulas, o acesso e realização de atividades disponibilizadas através de plataformas digitais, e-mail, redes sociais como o *WhatsApp* dentre outros.

Tomando como referência dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em 2019, já evidenciavam a desigualdade social e a falta de equidade nas oportunidades do povo brasileiro, que se reflete na educação – a pesquisa aponta que 94,5% dos estudantes que não têm acesso à internet pertencem às escolas públicas e que apenas 64,8% deles possuíam aparelho celular. Nos anos seguintes, 2020 e 2021 a desigualdade social do país se manteve e grandes desafios no setor da educação precisaram ser superados por professores, estagiários(as), em particular pelos estudantes que acumulam prejuízos em sua formação e desenvolvimento durante esse período pandêmico que exigiu o uso de equipamentos e recursos tecnológicos que nem todos têm acesso.

Para alguns integrantes da comunidade escolar, instituição, gestores, supervisores, equipe docente, alunos e família), ainda falta compreender a dimensão e importância do estágio supervisionado no processo formativo. Na maioria das vezes essa experiência é marcada por limitações e dificuldades impostas pela instituição que vê na figura do estagiário um amador, com grande possibilidade de fracasso, ou motivo de demandas burocráticas.

Schön (1995) já trazia à reflexão a forma como muitos profissionais da educação recebem estagiários para sua prática formativa, omitindo-se do papel de professor formador no processo de constituição docente e identidade profissional dos estagiários. Para alguns professores titulares, os estagiários representam um transtorno, pois precisará ceder seu espaço para alguém que poderia pôr a perder todo o seu processo pedagógico desenvolvido até então. Outros estagiários chegam à sala de aula com informações rasas e sem um olhar mais atento e acolhedor para esse sujeito em formação pedagógica. A toda comunidade docente e instituições escolares é necessário manter a consciência de que é dentro do espaço escolar que se conhece a prática docente e passamos a nos constituir sujeitos docentes como Nóvoa (1992) repetidamente destaca.

Apesar de muito já haver sido pensado e publicado sobre estágio supervisionado, identidade profissional e formação docente, é necessário manter-se aberto ao diálogo e reflexão-crítica sobre docência, seu papel político e social para além da sala de aula. Para Schön (1995) é fundamental que o educador reconheça a competência de sua formação e seu próprio valor profissional, aliando a isso o senso de responsabilidade por sua contínua formação. Revisitar antigos conceitos, ressignificando e trazendo à luz novas percepções acerca dessas ideias que são o sustentáculo científico da constituição docente.

Através dessa pesquisa busco demonstrar a importância do estágio na formação acadêmica e identidade profissional dos graduandos do curso de Pedagogia levando em consideração o impacto causado pelo isolamento social durante a pandemia do COVID-19, que para alguns, impossibilitou a realização dessa etapa importante da formação em caráter regular (presencial), nos dois ou em pelo menos um dos estágios supervisionados previstos no currículo.

A intenção desta investigação é discutir a importância do estágio na configuração da práxis docente, a fim de identificar quais os parâmetros definem o sujeito pedagogo e a influência do exercício docente pontuando sua trajetória na graduação em Pedagogia para sua identidade profissional. O objetivo geral deste estudo é compreender a finalidade e a importância do estágio curricular na formação dos(as) pedagogos(as).

Os objetivos específicos que conduzem esse estudo são: interpretar como ocorre o processo de constituição docente durante a etapa do estágio supervisionado; sinalizar as bases da construção da identidade profissional dos graduandos e licenciados em Pedagogia; identificar os saberes docentes adquiridos na experiência do estágio curricular. Para isso, serão abordados temas como a importância da reflexão e diálogo sobre a prática pedagógica, relação entre teoria e prática, valor e necessidade da formação continuada, desafios da prática do estágio supervisionado, reconhecimento e valorização profissional dos pedagogos(as), acolhimento do(as) estagiários(as) do curso de Pedagogia pela comunidade escolar e construção da persona educadora e o papel social e político que essa profissão carrega.

Os conceitos teóricos que ancoram essa pesquisa serão apresentados a partir do capítulo seguinte e estão fundamentados nos pressupostos de autores que

pesquisam e discutem seriamente a educação, a formação docente inicial e continuada, identidade profissional, constituição e práxis docente enquanto teoria e prática transformadora, onde o professor impacta a vida do aluno, assim como também é objeto dessa transformação a partir de suas aprendizagens nessa interação. Nóvoa (2009), Freire (1996) e Schön (1995), legitimam o saber pedagógico num viés de descobertas, construção individual e coletiva apresentando o(a) pedagogo(a) como sujeito e objeto dessa formação; os futuros educadores são estimulados a constituir sua própria docência e identidade profissional partindo de saberes próprios e suas vivências, enquanto indivíduo, somadas aos saberes teóricos que a academia lhes oferece; a busca pela contínua formação e qualificação e a ação reflexiva sobre seu próprio exercício docente.

Nas contribuições de Pimenta e Lima (2004), o estágio assume protagonismo na formação dos pedagogos(as) e demais licenciaturas, pois promove aquisição de competências mais significativas e profundas que contribuem efetivamente para sua constituição docente e identidade profissional através da reflexão-crítica e pesquisa da práxis docente do que a simples validação da teoria aprendida. Dentro deste mesmo contexto formativo, Tardif (2010) dialoga sobre a pluralidade do saber docente e o papel do professor como agente social, assim como Libâneo (1993) que vê o professor como peça fundamental para oportunizar ao aluno o acesso ao saber científico, ao desenvolvimento de suas potencialidades, assim como a percepção histórica, política e cultural da sociedade em que vive.

Para esse Trabalho de Conclusão de Curso foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados, dirigida a duas pedagogas já formadas, que realizaram seus estágios supervisionados na modalidade presencial em período pré-pandêmico; uma pedagoga já formada e uma graduanda na fase final de sua formação, que durante o período de pandemia precisaram adaptar sua prática docente no estágio curricular ao modelo *online* e/ou híbrido, retratando assim suas percepções acerca do fazer pedagógico, constituição docente e formação da identidade profissional em cada modalidade.

Em razão do distanciamento social, as entrevistas foram realizadas através da plataforma *Zoom*, que possibilita a realização de videoconferência, reuniões *online*, bate-papo e colaboração móvel, sendo possível registrar em vídeo essas entrevistas para posterior transcrição e análise das informações coletadas.

As questões abordadas nesse roteiro convidaram as entrevistadas para uma reflexão acerca de sua formação; prática pedagógica inicial e continuada; os processos que as constituem enquanto educadoras; autorreconhecimento da identidade profissional; autovalorização profissional; reconhecimento e valorização da sociedade sobre a categoria docente.

O estudo foi sistematizado em dois capítulos, onde o primeiro estabelece o conceito e missão do estágio curricular na formação dos(as) pedagogos(as), abrindo espaço para reflexão sobre a prática pedagógica inicial e seu impacto sobre a construção da docência e identidade profissional dos educadores em formação. O capítulo também aborda os fundamentos que identificam e definem os saberes docentes necessários à prática pedagógica e desenvolve um diálogo de temas como relação entre teoria e prática; importância da formação continuada; protagonismo no processo de ensino-aprendizagem; formação docente; constituição docente e identidade profissional.

No segundo capítulo foram apresentadas as narrativas das entrevistadas sobre suas experiências nos estágios supervisionados durante a graduação em Pedagogia, suas expectativas, desafios, superação, aprendizados, reinvenções; relações entre estagiário(a) e professor(a) titular, aluno, espaço escolar; a descoberta do próprio fazer pedagógico a partir dessa importante experiência promovida pelo estágio obrigatório.

Dentro desse capítulo do estudo serão apresentados e analisados os dados coletados nessas entrevistas à luz dos objetivos: geral e específicos, que conduzem essa investigação. As entrevistas foram transcritas e as informações organizadas a partir da análise categorial temática. Para isso, foram considerados fatores e percepções individuais na experiência de cada entrevistada. Essas concepções foram cruzadas, buscando identificar ideias correspondentes e dissonantes que se complementem e respondam aos objetivos desse estudo em algum nível.

2 ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA CONSTITUIÇÃO DOCENTE

O estágio supervisionado é elemento curricular obrigatório do curso de Pedagogia e Licenciaturas. Na Escola de Humanidades da PUCRS, instituição de referência para este trabalho, o curso de Pedagogia prevê em seu projeto pedagógico dois estágios distintos, realizados a partir do sexto semestre: educação infantil e nível fundamental nos anos iniciais. Chegado este momento, entende-se que o graduando já recebeu uma base de conhecimento teórico, que em tese, o preparou para este exercício prático.

Ao chegar à sala de aula, o futuro educador percebe que a teoria acumulada nos semestres anteriores não contempla totalmente as demandas encontradas. Nos deparamos com uma realidade repleta de especificidades, subjetividades e desafios: humanos, políticos, sociais, escolares e econômicos para superar, a fim de cumprir com nosso exercício docente com proficiência. Nos vemos desafiados a pensar com seriedade, responsabilidade e criatividade nossas ações pedagógicas a partir da observação e reflexão sobre o contexto escolar, social e principalmente humano que encontramos. Se nossa prática pedagógica esclarece e estimula o pensamento crítico-reflexivo, passamos a promover uma transformação social e esse movimento contribui para nossa própria transformação e constituição docente, saber-fazer. “Considerar o estágio como campo de conhecimento significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supere sua tradicional redução à atividade prática instrumental.” (PIMENTA; LIMA, 2011, p. 29).

Na BNCC, encontra-se, como um dos objetivos da educação básica, a atitude ativa na construção do conhecimento próprio e coletivo, a partir das vivências, observações, análise crítica, formulação de hipóteses e conclusões sobre o objeto de estudo, sempre relacionando com o mundo que o cerca. Essa mesma premissa se aplica à prática pedagógica proposta pelo estágio supervisionado dos cursos de nível superior em educação: um exercício entre saberes prévios, trocas coletivas e elaborações próprias, problematizações e reflexões sobre essa prática, facultando novas aprendizagens a cada indivíduo e ao coletivo.

Durante este estudo e a partir de minhas próprias vivências do exercício pedagógico, pude constatar que o estágio supervisionado acolhe acertos e erros como parte do processo de desenvolvimento profissional e dá início a uma nova etapa da formação em Pedagogia. Durante o estágio obrigatório pude testar

conhecimentos adquiridos na graduação e descobrir minha docência idealizada ao longo da formação. De todas estas situações, surgem novos saberes que se somarão a minha bagagem e que talvez reforcem ou simplesmente transformem a maneira como entendo a docência hoje. A seguir, serão apresentados os fundamentos que identificam e definem os saberes docentes necessários à prática pedagógica.

2.1 SABERES DOCENTES

Os saberes docentes são fundamentados na multiplicidade de informações, vivências e conhecimentos que construímos durante a vida - pessoais, científicos e profissionais – somos o resultado dessas influências que nos constituem como seres únicos com saberes próprios. Na análise de Pimenta e Lima (2011), o professor(a) deve validar esses saberes em sua docência, porque são eles que lhe fornecem os recursos necessários para superar os desafios que metodologias e programas de ensino não previram. A prática docente produz o saber-fazer pedagógico e essa prática também está baseada nos saberes já existentes, devendo ser tratada “como momento de construção de conhecimento por meio da reflexão, análise e problematização dessa prática e a consideração do conhecimento tácito, presente nas soluções que os profissionais encontram em ato” (PIMENTA; LIMA, 2011, p. 48).

Na análise de Tardif e Lessard (2009), assim como Pimenta e Lima (2011), o saber docente é plural e exige que o professor trabalhe com variáveis da realidade, encontradas no sujeito e ambiente escolar, produzindo saberes e promovendo aprendizados a partir e apesar dos desafios. Considerando a pluralidade dos saberes necessários ao exercício pedagógico apontado por autores como Tardif (2002), Schön (2000), Freire (2003) indicam que somente o saber técnico não contempla a realidade da prática docente, e por isso mesmo é primordial desenvolver competências que complementem e constituam essa prática. Em Tardif (2010) identificamos fatores variáveis nos campos sociais, físicos, biológicos, psicológicos, individuais e coletivos responsáveis pela imprevisibilidade do exercício docente, solicitando ao educador a criação de estratégias e abordagens adaptadas às especificidades do sujeito e do contexto para o desenvolvimento e estruturação de sua prática.

O fazer pedagógico não pode se limitar a um planejamento engessado que desconsidera a subjetividade e complexidade dos sujeitos e do ambiente, por essa razão os autores Tardif e Lessard (2009), Pimenta e Lima (2011) destacam a necessidade de flexibilizar o programa de ensino e saberes curriculares ao interesse e necessidades dos alunos, oportunizando conhecimento e aprendizado. É fundamental exercitar a reflexão sobre a prática pedagógica, repensando a metodologia e abordagens para garantir êxito no processo de ensino-aprendizagem – nas palavras de Pimenta e Lima (2011) o professor se configura como profissional: crítico-reflexivo e pesquisador da práxis docente, sua e do Contexto Escolar.

De acordo com Tardif (2010) o saber docente é plural, heterogêneo proveniente de diferentes matrizes, como por exemplo: livros didáticos; disciplinas do curso; conceitos a serem trabalhados; bagagem prévia de conhecimentos do sujeito. Levando em consideração toda a construção que o fazer pedagógico requer, Tardif (2002), demonstra a pluralidade dos saberes docentes classificados em quatro categorias: 1) Saberes Disciplinares, são desenvolvidos pela sociedade nos campos de conhecimento como ciências humanas; biológicas e exatas, linguagem, arte e todo saber específico pesquisado e estudado pelo homem; 2) Saberes Curriculares, provêm das escolas e universidades na forma de objetivos, conteúdos e métodos utilizados para compartilhar esse conhecimento – nesse caso, é importante destacar que a instituição escolar detém a decisão de formatar como esses saberes serão compartilhados – vale ressaltar que essa formatação é transitória, já que a sociedade e os saberes se transformam constantemente, e a educação acompanha essas adaptações; 3) Saberes da Formação Profissional, consistem na completude de saberes, cientificamente reconhecidos, compartilhados por educadores para instrumentalização e formação profissional, seja ela inicial, permanente e continuada – refere-se a formações que promovam aprimoramento profissional como cursos de extensão, especialização, mestrado, doutorado, pós-doutorado etc. Para Tardif (2002) a formação continuada não deve ser compreendida como uma opção e sim como uma necessidade, visto que estamos em constante evolução, precisamos acompanhar as novas gerações que trazem consigo demandas que os saberes anteriores, sozinhos, muito provavelmente não conseguirão contemplar. Segundo as ideias destacadas por Tardif (2002) a busca permanente pela excelência dos próprios saberes mantém o educador conectado com o que está acontecendo hoje;

4) Saberes Experienciais decorrem do exercício prático da docência nas mais diversas situações encontradas no chão da sala de aula, nas relações com o espaço escolar, gestão, equipe docente e com os alunos. Para o autor, as relações escolares entre os agentes desse ambiente devem ser trabalhadas e aprofundadas, porque a educação é um processo social, tornando o estágio supervisionado momento de constituição individual e desenvolvimento de habilidades legitimadas pelo fazer em coletividade - saber-fazer e saber-ser com domínio teórico-metodológico-empírico, nessa dinâmica a constituição docente e a construção da identidade profissional dos(as) pedagogos(as) passam a ser definidas.

Ainda em referência à pluralidade dos saberes docentes apresentados por Tardif (2002), estes não se restringem apenas ao campo de conhecimento científico que a teoria promove. Os conhecimentos adquiridos na vida também desde a experiência do estágio supervisionado, e mesmo durante sua trajetória profissional, os educadores se deparam com a dura realidade social de seus alunos, a precariedade dos recursos das escolas públicas brasileiras, o descaso das autoridades responsáveis, como bem já sabemos, além da desvalorização profissional a qual a categoria segue resistindo. Todas essas questões exigem do educador adaptações e reinvenções que somente o saber científico não sustenta, já que o aprendizado do saber-fazer docente é construído através da ação conjunta entre teoria e prática – são as situações cotidianas e problematizações que colocam em xeque nossos saberes pedagógicos e pessoais nos desafiando a criar estratégias, inovar o exercício docente e conduzir o discente no caminho da construção e aquisição de saberes. Conforme afirma Libâneo (2006): “o valor da aprendizagem escolar está justamente na sua capacidade de introduzir os alunos nos significados da cultura e da ciência por meio de mediações cognitivas e interacionais providas pelo professor”. (LIBÂNEO, 2006, P. 28).

Durante a formação, embora nossos professores nos apresentem a teoria científica, didática, metodológica, relatos de suas próprias experiências e compartilhamento das vivências de estudantes veteranos(as) do curso que já passaram pela experiência do estágio curricular, somente quando vivenciamos e concebemos a nossa própria práxis é que alcançamos a compreensão dos saberes docentes a partir de um conhecimento com base empírica e profundamente significativa. De acordo com Nóvoa (1995) o estágio curricular é exatamente esse

momento de prática pedagógica fundamentada em saberes científicos, considerando outros conhecimentos e a subjetividade do sujeito educador, forjando assim, a base da constituição docente e da identidade profissional de pedagogos(as), estabelecendo uma relação entre teoria e prática.

Nóvoa (1992), reflete sobre a formação docente como um processo contínuo, e afirma que mesmo chegado o final da graduação o aprendizado não está completo. É nesse momento que o(a) pedagogo(a) deve perceber a importância da formação continuada a fim de mantê-lo informado e conectado com as mudanças e novas linhas de pesquisa-ação sobre e para a educação, além da permanente reflexão sobre a própria prática identificando o que deu certo, o que não funcionou, o que pode ser melhorado, adaptado ou completamente repensado para falar a linguagem e ir ao encontro dos interesses e necessidades dos discentes. Na próxima seção destacaremos o protagonismo nos processos de ensino-aprendizagem na inter-relação entre professor-aluno e aluno-professor.

2.2 ENSINAR E APRENDER COM PROTAGONISMO

Em suas visionárias palavras, Freire (1996, p. 25) nos assegura: “[...] quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender [...]”. Essa premissa demonstra que a interação entre sujeito ensinante e sujeito aprendente promove transformações e aprendizagem para ambos. Para Freire (2005) há uma troca entre o docente, que compartilha suas experiências e saberes, e o aluno que também traz sua bagagem de conhecimento prévio, contribuindo para o aprimoramento e formação do professor e desenvolvimento do discente que evolui enquanto ser social. Freire (2005) destaca a importância de que cada ator do cenário escolar assuma o protagonismo de seu processo e progrida rompendo com limitações socioculturais que interfiram em seu desenvolvimento e percepção de mundo.

Por isto é que esta educação, em que educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo, superando o intelectualismo alienante, superando o autoritarismo do educador “bancário”, supera também a falsa consciência do mundo. (FREIRE, 2005, p. 75).

Considerando o pensamento de Freire (2002), o exercício pedagógico é pautado pelo esforço coletivo a garantir pleno desenvolvimento humano aos sujeitos, acolhendo seus saberes anteriores, promovendo aquisição de novos saberes que se

estabelecem através das relações humanas, na criação de estratégias que possibilitem a inserção do indivíduo preparado para agir e interagir em sociedade contribuindo para a transformação e progresso social. Dessa forma, entendo que todo esse processo impacta minha prática pedagógica, promovendo minha parcela na aquisição de saberes e evolução profissional. É necessário compreender o papel do pedagogo dentro e fora do espaço escolar, e o contexto complexo que envolve seu exercício profissional. Libâneo (2001) descreve com profundidade quem é o pedagogo, seu significado e importância:

Pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação ativa de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivo de formação humana definidos em sua contextualização histórica. Em outras palavras, pedagogo é um profissional que lida com fatos, estruturas, contextos, situações referentes à prática educativa em suas várias modalidades e manifestações. (LIBÂNEO, 2001, p. 117).

Conhecer o grupo de alunos é essencial para definir as ações pedagógicas do professor. Como planejar sem conhecer os saberes de cada aluno e suas dificuldades? Dentro desse escopo, a primeira parte do período do estágio curricular é dedicado à observação da turma. Durante esse período podemos identificar as características e particularidades do grupo, assim como as especificidades dos sujeitos. A partir da coleta dessas informações poderemos produzir um projeto pedagógico coerente; carregado de intencionalidade e significado; fundamentado cientificamente; que vá ao encontro do programa curricular da instituição; que não se limite ao saber disciplinar, mas que promova desenvolvimento humano; que permita estabelecer uma parceria com o(a) professor(a) titular, tornando essa experiência enriquecedora para todas as partes envolvidas: alunos, professor(a), estagiário(a) e escola. Pimenta (2005), atribui ao estágio curricular papel essencial da constituição docente, promovendo protagonismo pela pesquisa e exercício prático que formatam esse educador, sem assumir papel de simples avaliação classificatória para a conclusão e aprovação do curso de Pedagogia.

O estágio supervisionado é uma grande oportunidade de aprendizado para o estagiário, acrescido da responsabilidade de continuar o trabalho pedagógico que já vinha acontecendo e seguir promovendo desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. Em minhas experiências como estagiária percebi que para o(a) professor(a)

titular também é interessante fazer essa troca de saberes com o(a) estagiário(a), pois terá acesso a novas ideias e conceitos atualizados do fazer pedagógico, além de contribuir ativamente para a formação desse novo profissional ao compartilhar sua experiência e conhecimentos. Entendo que essa deveria ser a visão da escola e dos(as) professores(as) titulares ao receber estagiários para a prática pedagógica formativa do estágio curricular: benefício e desenvolvimento para cada personagem da comunidade escolar.

Todo o profissional necessita, periodicamente, reciclar ideias, se apropriar das mudanças, avanços em sua área de atuação, também acompanhar o progresso de todo contexto social e principalmente fazer uso da pesquisa para contribuir com esse crescimento. Para Freire (1996), através desse espaço de qualificação teórica e crescimento, o educador encontra ambiente para diálogo, reflexões e análise crítica sobre sua própria ação pedagógica. A partir dessa dinâmica o(a) educador(a) passa a reconhecer e compreender intimamente sua docência, abandonando velhas ideias que já não fazem mais sentido, reinventa-se, supera deficiências, progride fortalecendo sua identidade profissional e agrega novos saberes para ações futuras.

O alinhamento entre teoria e prática forma a base que mantém o equilíbrio e conduz ao sucesso todo projeto de intervenção pedagógica. Como já vimos em seção anterior, para Tardif (2010) os educadores se orientam através da pluralidade de saberes identificados como: disciplinares, curriculares, de formação profissional e experienciais. Por causa e a partir desses saberes estão capacitados a desenvolver sua prática pedagógica carregada de significado e congruência com a realidade e demandas de cada turma. É claro que no contexto da realidade de nosso país e do sistema de ensino público, amargamos com a falta de recursos materiais e humanos, esbarramos na burocracia, corrupção que inviabiliza ações que beneficiam o coletivo.

A equidade deve ser o fio condutor nos processos de formação continuada para os educadores, devendo ser permanentemente promovida e incentivada pelos setores responsáveis e procurada pelo educador que percebe a necessidade de investigar e defender novas linhas de pensamento sobre educação e docência. Por outro lado, o mercado de trabalho exige do professor inúmeras especializações e títulos acadêmicos que nem sempre estão ao alcance desse profissional por barreiras, como por exemplo, indisponibilidade de tempo, frente a jornada de

trabalho e investimento financeiro elevado. A formação continuada exige esforço, dedicação e investimento de tempo e recursos do educador.

Freire (1986), evidencia que a educação deve assumir caráter libertador e favorecer a formação de uma sociedade mais consciente e crítico-reflexiva. O autor assinala ainda, que a omissão e acomodação nos torna agentes daqueles que desejam manter a massa na ignorância, facilmente manipulável, inclusive para oprimir nossa categoria, e essa não é a realidade que desejamos. Por isso é fundamental que o(a) educador(a) continue resistindo e prossiga com seus processos de qualificação mantendo o compromisso que firmou ao escolher a docência como mecanismo para transformar vidas. Na seção subsequente aprofundaremos o significado da formação pedagógica, constituição docente e identidade profissional dos(as) pedagogos(as).

2.3 FORMAÇÃO PEDAGÓGICA, CONSTITUIÇÃO DOCENTE E IDENTIDADE PROFISSIONAL

Os processos de formação pessoal e formação profissional do sujeito ocorrem de forma simultânea e imanente, como assinala Nóvoa (1995). O autor destaca que, antes de tudo, trata-se de desenvolvimento humano em toda sua potencialidade e subjetividade. A educação e formação de um indivíduo é responsabilidade coletiva. Cabe à cada instância da estrutura social promover e garantir que se cumpra em todas as esferas - políticas públicas, instituições de ensino, educadores, sociedade e família – para oferecer ao sujeito aprendente, oportunidade de acesso ao conhecimento e promoção de desenvolvimento pleno desde o nascimento, sendo complementada e ampliada na educação infantil e ao longo de toda sua formação. Possibilitando, dessa forma, o protagonismo durante o processo e aplicação prática de seus conhecimentos. Nesse aspecto, o pensamento de Freire (2003), traduz essa proposta de desenvolvimento global dos sujeitos, pois considera que a educação é um instrumento de transformação social, que conduz a coletividade à evolução em todas as dimensões da vida.

A construção dos saberes docentes acontece em todos os níveis e papéis que representamos, seja como estudante, estagiário(a) ou futuro(a) profissional da educação. Cada um desses papéis se cruzam e se misturam o tempo todo nas aprendizagens que concentramos ao longo dos anos de formação. Esses saberes

decorrem dos exemplos de meus professores, conhecimento científico através da pesquisa, da prática docente através dos estágios, e em cada uma destas experiências imprimi um pouco dos saberes que já trazia comigo, resultando na aquisição de novas competências.

Para constituir um profissional docente com conhecimento teórico, metodológico, prático e consciente de sua ação pedagógica, faz-se necessário que os currículos normativos se articulem e estabeleçam um diálogo transdisciplinar entre os conteúdos, agregando valor aos campos de conhecimento e experiência, para que não performem como saberes dissociados da pesquisa-ação e reflexão sobre o ato de ensinar, como apontam Pimenta e Lima (2011). Durante a formação da Pedagogia e demais licenciaturas, o estágio supervisionado é visto como oportunidade para o exercício prático das teorias aprendidas. O estágio supervisionado promove a prática docente, mas é também parte do período de estudo e formação que envolve pesquisa e reflexão na consolidação de saberes prévios e construção de novas competências, contribuindo para constituição da identidade profissional desse professor além do caráter social e político que carrega.

Para Nóvoa (1992), a formação do professor ocorre no exercício docente, no espaço escolar a partir da aplicação de seus conhecimentos e planejamento pedagógico. Freire (1996), aponta que no processo de formação permanente o momento mais importante é a reflexão crítica sobre a prática a fim de identificar acertos, erros, abrindo espaço para aprendizado e evolução do fazer pedagógico desse educador.

Somente quando estive dentro de uma sala de aula, vivendo a experiência prática da docência, pude compreender a necessidade da formação, seja de saberes teóricos, assim como as experiências pessoais que me forneceram recursos para construir algo novo: minha docência e a percepção de minha identidade profissional enquanto futura educadora. A instrumentalização teórica oferece base de fundamentos para haver coerência no fazer pedagógico, assim como os saberes prévios treinaram nossa percepção e sensibilidade para ver o discente como ser integral que além de conhecimento, sua formação se dará numa abordagem afetiva e humanizada. Essas afirmações vêm de encontro às considerações que Tardif e Lessard (2009) apresentam sobre a docência se constituir através da inter-relação do professor e aluno, de um humano para outro ser humano, com todas as

construções e inquietações que essa troca articula e se estende para todo o núcleo escolar e atinge a toda sociedade.

A seguir, o próximo capítulo discorrerá sobre o instrumento utilizado para coleta de dados desta pesquisa exploratória inicial e serão traçadas relações com os tópicos abordados na presente seção.

3 ESTÁGIO SUPERVISIONADO: DIMENSÕES DA DOCÊNCIA E DO FAZER PEDAGÓGICO

Neste capítulo, serão apresentados os dados coletados através da realização de quatro entrevistas semiestruturadas que seguiram um roteiro previamente organizado, que configura o instrumento de pesquisa qualitativa deste trabalho. O roteiro foi sistematizado em duas categorias: 1ª categoria: Experiência de estágio supervisionado realizado na modalidade presencial; 2ª categoria: Experiência de estágio supervisionado realizado na modalidade *online* e/ou híbrida. A decisão de criar essas categorias tenciona incluir e averiguar a dimensão da prática docente no estágio supervisionado nos últimos vinte meses, motivadas pela pandemia do Covid-19, buscando pontuar as semelhanças e diferenças entre cada modalidade e o impacto percebido por essas pedagogas em sua formação, além das questões que verificarão os objetivos: geral e específicos deste estudo.

As entrevistadas que participaram dessa investigação configuram-se: duas pedagogas formadas no ano de 2019/2, que experienciaram seus estágios supervisionados na modalidade regular/presencial, as quais serão identificadas por codinomes a fim de manter o sigilo sobre sua identidade. São elas, Pedagoga 1 (P1) e Pedagoga 2 (P2). A pesquisa conta com mais duas pedagogas entrevistadas com estágios curriculares realizados em período pandêmico, quando se fez necessário adaptar-se à modalidade *online* ou híbrida, estas serão nomeadas como Pedagoga 3 (P3), na fase final da graduação, devendo formar-se no corrente semestre 2021/2, e finalmente a Pedagoga 4 (P4), formada no ano 2020/2.

As informações foram apuradas a partir de entrevistas realizadas por videoconferência através da plataforma *Zoom*, seguindo os protocolos sanitários de isolamento social pelo Covid-19. Essas entrevistas foram gravadas sob autorização dos envolvidos após conhecimento do termo de Consentimento Livre e Esclarecido - CLE. Para realizar essas entrevistas foram criados, primeiramente dois roteiros de entrevista semiestruturada (Apêndice A e B). O primeiro roteiro destinou-se às pedagogas 1 e 2, contendo nove questões. O segundo roteiro da entrevista semiestruturada, foi direcionado às pedagogas 3 e 4, e contém nove questões idênticas ao primeiro roteiro, apresentando uma questão extra, referente à temática específica do estágio na modalidade *online* ou híbrida, visando identificar as

percepções das entrevistadas acerca desta experiência diversa ao processo regular (presencial) do estágio curricular do curso de Pedagogia.

A seguir, serão examinados os dados coletados nas entrevistas pelo instrumento de pesquisa e apresentados em subseções que seguirão as categorias descritas no quadro 1 abaixo:

Quadro 1 - Categorias *a priori* de análise de dados da pesquisa.

| CATEGORIAS DE ANÁLISE DE DADOS |
|--|
| Estágio curricular na constituição da Docência e Identidade profissional. |
| Relação entre Teoria, Prática e construção dos Saberes Docentes durante o ES |
| Formação Continuada e Reflexão sobre a Prática Docente no ES |
| Desafios do Estágio Supervisionado e da Docência |

Fonte: Fucilini (2021)

3.1 ESTÁGIO CURRICULAR NA CONSTITUIÇÃO DA DOCÊNCIA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL

Como foi apresentado anteriormente nesse estudo, o estágio curricular configura-se parte fundamental na formação dos(as) pedagogos(as) e segundo as palavras de Pimenta e Lima (2011, p. 99): “o estágio é uma oportunidade de aprendizagem da profissão docente e da construção da identidade profissional”. Em ressonância com essas informações, encontramos nas narrativas das entrevistadas um consenso quanto ao reconhecimento da importância do ES para sua formação e construção da docência e identidade profissional. A P4 apresenta uma reflexão muito importante sobre autovalorização:

A gente vê ali no dia a dia como os professores tomam para si a responsabilidade e a satisfação pelas conquistas e avanços dos alunos. É pouco, sim, pode ser pouco, e fico falando para mim, como pedagoga, que a gente tem que melhorar mais ainda a nossa autovalorização. (P4, 2021).

Reforçando a ideia de que o estágio é essencial para a constituição docente e identidade profissional, a entrevistada P1 afirma que durante o ES foi possível identificar as áreas de maior interesse e afinidade que direcionaram suas escolhas profissionais e de caminhos para futuras formações. Para a P2 o estudante adquire

maior segurança na prática profissional a partir das experiências do período do ES. A entrevistada P3 considera que além dos pontos de vista já citados, relembra que a ideia do estágio supervisionado a assombrou durante os primeiros anos de formação. Mas passada a experiência, credita ao estágio a oportunidade de descobrir seu potencial como educadora, seus pontos fortes e onde precisa se desenvolver. Nas palavras da própria entrevistada:

Ele (estágio) se torna assustador, em algum momento, ao longo da nossa graduação, mas depois que a gente passa por ele, a gente percebe o quão necessário ele é. Ele é necessário para a formação e para o nosso próprio amadurecimento dentro da área. (P3, 2021).

Enquanto a P4 qualifica o estágio como uma amostra da rotina de um profissional da educação, também o considera como oportunidade de aprendizado e um choque de realidade para o(a) estudante de Pedagogia ao vivenciar a rotina da escola e da sala de aula. Para a entrevistada P4:

Porque durante o curso a ideia de estar com os alunos sob tua responsabilidade é tudo muito bonito, muito lindo, tudo funciona, tudo vai ser maravilhoso, e não, não é. Então o estágio, ele é fundamental, não tem como sair do curso, não tem como se formar sem ter passado por ele. Porque ele é o primeiro choque de realidade que a gente vai ter da profissão. (P4, 2021).

3.2 RELAÇÃO: TEORIA , PRÁTICA E SABERES DOCENTES

As autoras Pimenta e Lima (2011) defendem que a pesquisa é a porta de acesso a saberes que oferecem base ao educador na configuração de sua práxis docente, por isso o estágio curricular deve ser considerado como processo de pesquisa e aprendizagem para o graduando. Nos dados apurados pelo instrumento de pesquisa, foi possível identificar uma dissociação na articulação entre os saberes teóricos e a prática docente no estágio supervisionado em algumas das experiências relatadas.

Na fala da P1, fatores como escolhas metodológicas da escola, da professora titular, o contexto social dos alunos (em especial da rede pública de ensino que recebe muitos alunos em situação de vulnerabilidade), limitam ou impedem determinadas escolhas pedagógicas desse estagiário. Nessa perspectiva, a P1 relata que aprendeu sobre a necessidade de ser humilde para ouvir e acolher as

críticas, ser paciente com os alunos e abrir-se para aprender com a professora titular. Nesse processo descobriu que apesar das diferenças ideológicas quanto a prática docente, havia muito a aprender com essa professora tão experiente. “Sempre há o que aprender.” (P1, 2021).

Para a colaboradora P2, questões de cunho organizacional das instituições de ensino, fatores sociais e comportamentais dos alunos também são entraves que se chocam com as bases teóricas aprendidas e acabam demandando adaptações que nem sempre vão de encontro às expectativas do estagiário quanto à prática docente aprendida durante a graduação. O contexto social marcado pela vulnerabilidade, violência e abandono dos alunos que fizeram parte de seu ES, exigiram da entrevistada P2, pensar estratégias para estabelecer vínculo afetivo com esses sujeitos que apresentavam dificuldade em relacionar-se sem o uso de violência.

Aprender a lidar com a frustração, para a P2 é um grande aprendizado que o ES lhe proporcionou, são planejamentos que não funcionaram, e lhe ensinaram a estar sempre preparada para mudar os planos de aula, para isso considera essencial manter planejamentos reserva para essas eventualidades. A entrevistada destacou a importância de haver mais tempo dedicado à prática pedagógica, para encontrar um equilíbrio entre o aprendizado teórico e o desenvolvimento de aprendizagem empírica. A riqueza de aprendizagens foi outro ponto destacado pela P2 que também considera o ES: “Uma ótima experiência, tanto na educação infantil quanto no fundamental, te ajuda a escolher qual área que vai atuar”. (P2, 2021)

A entrevistada P3, considera que o período do ES possibilitou que observasse criticamente as práticas pedagógicas das escolas, pois conseguiu identificar a aplicação ou ausência desses componentes teóricos que, em sua opinião, tornam a prática destituída de significado e intencionalidade. Existem outros saberes que não se encontram nos fundamentos teóricos, mas que são necessários à prática docente. Esses saberes são construídos aos poucos, a partir do próprio exercício docente e dos desafios que se encontrará nesse processo. A P3 conta que foi durante os ES que se percebeu professora de fato, e que agora sente que pode ser uma pedagoga profissional.

A P4 discorreu sobre o estágio ser um momento de grande tensão pela exigência em alinhar, com coerência, teoria e prática; apontou que certas abordagens de ensino não se aplicam a qualquer realidade social e que é preciso

conhecer o aluno, a turma e a comunidade escolar a fim de fazer escolhas mais apropriadas a cada realidade. Como essa entrevistada já possuía experiência anterior na docência, afirma que não criou expectativas irreais sobre o que iria vivenciar durante o ES, viveu desafios, mas não se cobrou perfeição. Reforça a importância de conhecer os alunos para criar uma abordagem que fale sua linguagem.

Outro fator levantado pela entrevistada P4 é a necessidade de que o curso de Pedagogia ofereça em seu currículo estágios realizados desde os primeiros semestres - referindo-se ao atual currículo do curso de Pedagogia da PUCRS que traz esse diferencial em relação aos currículos anteriores. As opiniões entre as quatro entrevistadas convergem a esse respeito, todas afirmaram que a prática precisa caminhar junto com a teoria para lhe atribuir significado baseado na experiência própria. Outra correspondência nas respostas das quatro entrevistadas, ocorre quando mencionam a importância de aumentar o número de horas dedicado ao exercício docente no currículo do curso de Pedagogia, distribuídas ao longo dos semestres e não apenas na fase final da graduação, como foram suas próprias experiências. Sentem que compreenderiam melhor as teorias se as estudassem simultaneamente à prática.

Apesar das adversidades encontradas no caminho da docência, a busca pela excelência do próprio fazer pedagógico, deve conduzir as escolhas e intervenções dos professores, considerando primordialmente o objeto de sua prática: o discente. O estágio, enquanto componente formativo da graduação em Pedagogia ambiciona: “formar um educador como profissional competente técnico, científico, pedagógico e politicamente, cujo compromisso é com os interesses da maioria da população” (PIMENTA, 2001, p.73).

3.3 ESTÁGIO CURRICULAR: EXPERIÊNCIAS PRÉVIAS E PERCEPÇÕES SOBRE A PRÁTICA.

Grandes expectativas recaem sobre o momento do estágio curricular. Para muitos estudantes, esta será a primeira experiência em sala de aula. Enquanto outros(as), puderam conhecer de perto, no decorrer da graduação, a prática docente e processos do espaço escolar, através de estágios remunerados e do Programa

Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, que é realizado em escolas da rede pública de ensino.

Para cada entrevistada, durante suas experiências anteriores ao ES, foi possível conhecer e desempenhar algumas das seguintes funções: auxiliar da professora titular; monitoria; auxiliar de biblioteca; auxiliar na secretaria, supervisão, auxiliar de coordenação e direção, dentre outras funções de assistência e colaboração. Durante a graduação, os estágios remunerados ou o PIBID foram considerados pelas entrevistadas que os vivenciaram, como positivos e preparatórios para a realização do estágio obrigatório. Porém, reconhecem que nem todos(as) os(as) estudantes têm essa oportunidade.

Entre as quatro pedagogas entrevistadas, apenas uma, a P3 chegou ao ES sem nenhuma experiência prévia, o que lhe causou muita angústia e preocupação quanto ao seu desempenho, principalmente ao comparar-se às colegas que já estavam trabalhando ativamente na área; as P1 e P2 participaram do PIBID e de estágios remunerados na iniciativa pública e privada; P4 foi estagiária apenas em escolas da rede privada.

As entrevistadas consideraram que apesar da contribuição que as experiências anteriores agregam, o momento do ES ainda representa um grande desafio no processo de formação acadêmica e não se sentiram totalmente preparadas quando chegaram nessa etapa. Para a P1 a experiência no PIBID durante um ano lhe deu uma boa base para o ES. Considera que ter humildade para receber as críticas foi um grande aprendizado; abrir-se para aprender com a experiência da professora titular - ela sabe muitas coisas sobre a prática docente que podem contribuir muito para termos um bom desempenho no estágio e ações futuras; ter paciência com os alunos, construir um vínculo afetivo e colaborar com seu aprendizado. Todos esses fatores destacados pela P1 demonstram que o ES é uma etapa de aprendizado em diversos níveis constitutivos da docência e saber profissional.

Para a P2, que permaneceu por dois anos no PIBID e foi estagiária em escola da rede privada de ensino, há muito aprendizado no ES, mas são experiências diferentes e nem sempre as aprendizagens te oferecem o suficiente para chegar ao ES segura de seus conhecimentos. Sua experiência nos estágios obrigatórios exigiu lidar com frustrações pela inviabilidade de colocar em prática seus planejamentos com a Educação Infantil - uma turma numerosa, sem iniciativas anteriores

objetivando estabelecer disciplina, rotina e atividades que promovessem seu desenvolvimento. Lamenta reconhecer que se tratava de um “depósito de crianças” onde a instituição e seus representantes não tinham intenção em deliberar estratégias que modificassem aquela realidade.

De acordo com a P2 o estágio nos anos iniciais do EF também trouxe seus desafios. A carga horária dessa etapa é maior que a da EI, conseqüentemente o trabalho também aumenta. Porém a P2 avalia positivamente esse fator, pois houve tempo para conhecer a turma e estabelecer vínculo com os alunos que traziam um histórico de vulnerabilidade social e violência. O que mais impactou sua prática no ES, trazendo conflitos, reflexões e amadurecimento foi aprender a fazer o seu melhor sem levar os problemas da escola e dos alunos para a vida pessoal:

Muitas vezes eu estava em casa e me lembrava daquelas crianças que estavam passando por toda aquela situação de violência e abusos. Mas isso também me amadureceu, para eu ver que não vou salvar o mundo, mas que posso ajudar de uma maneira ou de outra, orientar, posso fazer a minha parte como professora. (P2, 2021)

Na percepção da Pedagoga 3, que chegou ao ES sem vivências prévias, foram duas experiências maravilhosas e enriquecedoras, cada um dos estágios com suas especificidades. Ainda destaca que durante os estágios I (modalidade online) e II (modalidade híbrida), aprendeu muito e reconheceu sua identidade como professora. Também enfatiza a idealização de que chegaremos prontas ao ES:

A prática exige outros saberes além da teoria, e esses saberes vamos aprender com o tempo e através da própria prática. O estágio é só o princípio que nos dá noção sobre a prática. Cada um dos estágios me mostrou que posso ser uma professora sim. (P3, 2021)

Para a P4, mesmo com a experiência de estágio remunerado na rede privada de ensino, onde teve oportunidade de trabalhar como auxiliar escolar e passou por todos os setores da escola, ainda assim não se sentiu preparada para o ES. Declara que fazer o papel de auxiliar é completamente diferente de ser a professora regente com todas as suas responsabilidades e o peso de ser avaliada: “Não me sentia preparada, justamente por ter recebido muita teoria e por mais que na escola onde trabalhava, eu já tivesse contato com alunos dentro da sala, ficar sozinha com eles era apavorante. É complicado ser a gestora daquele ambiente” (P4, 2021). A P4

também destaca que durante o ES da Educação Infantil no maternal, foi uma experiência significativa da qual gostou muito. Já no ES dos anos iniciais recebeu uma turma em processo inicial de alfabetização e sentiu que precisava de maior preparo para essa etapa. Reflete que uma especialização em alfabetização é indispensável se decidir trabalhar nesse nível.

A partir das falas das entrevistadas podemos evidenciar que apesar do preparo teórico e experiências de estágio durante a graduação, todas concluíram que sua formação não está finalizada. A formação não terá um ponto final e precisará de continuidade para aprofundar os saberes já existentes e acessar novas formas de docência. Esses conceitos vão de encontro ao parecer da autora Lima (2010) que afirma:

[...] é preciso compreender que o saber em construção é o rompimento com o entendimento do saber pronto e acabado e admitir um contexto escolar complexo, dinâmico e plural, composto por sujeitos (professores e alunos) em constante movimento de aproximação dos saberes – daí a importância da mediação didática, que requer a contextualização do processo pedagógico. (LIMA, 2010, p. 146).

A partir das falas das entrevistadas P1 e P2, destaca-se o desejo de ser professora desde a infância ou adolescência. Para elas a docência sempre foi um objetivo profissional, que por diversas razões foi adiado até que fosse possível concretizar. Para P3 e P4, o início da formação veio cercado de incertezas. A descoberta e a apropriação da docência foi uma construção ao longo da graduação e consolidada durante o estágio supervisionado. Embora as Pedagogas 1 e 2 já soubessem que esse era seu caminho profissional, as experiências que tiveram durante a graduação e mesmo depois de formadas vem confirmando sua escolha. Para as Pedagogas 3 e 4, essa descoberta ainda está acontecendo e a decisão pela carreira docente se fortalece a cada novo passo. Para a P1 constituir-se como docente é evoluir e se transformar sempre que preciso para promoção do aprendizado e desenvolvimento do sujeito.

Há um consenso nas opiniões das quatro entrevistadas, no que se refere aos desafios da profissão, a incompreensão da sociedade quanto a relevância da docência, a desvalorização salarial, das condições adversas e escassez de recursos. Esse último referenciado em relação às escolas da rede pública de ensino.

3.3.1 Adequações do estágio supervisionado durante a pandemia: presencial, *online* e híbrida

Para duas das entrevistadas, P1 e P2, o estágio foi realizado em período anterior à pandemia pelo Covid-19, portanto em modalidade presencial. Por essa razão a questão que aborda esse tema foi omitida do Roteiro I de entrevista semiestruturada aplicado às duas primeiras pedagogas. Levando em conta fatores como a subjetividade e especificidades do meio sociocultural e dos sujeitos que fazem parte desse universo, torna-se importante destacar os impactos do Covid-19 no cenário mundial em todos os setores da vida humana, dentre eles, a educação. No Roteiro II de entrevista semiestruturada empregado com as entrevistadas P3 e P4, foi inserida uma questão complementar que se refere à experiência no ES em modalidade *online* e/ou híbrida, comparando com a experiência presencial.

Segundo a P3 que teve o ES dos anos iniciais do ensino fundamental no formato *online*, e o ES na educação infantil em padrão híbrido, afirma que o formato presencial é incomparavelmente mais produtivo que o online. Citou como exemplo sua turma de EJA nos níveis T1 e T2, em processo de alfabetização. Infelizmente o trabalho ficou bastante prejudicado na modalidade *online*, porque a turma ainda não estava alfabetizada e por consequência não possuíam intimidade com o uso de recursos tecnológicos. Dessa maneira, foram inviabilizados muitos processos que seriam exequíveis apenas presencialmente, o que não foi possível naquele momento. Mesmo assim, a P3 relata ter feito esforços para oferecer às suas alunas, opções mais práticas de seguir em seus processos de aprendizado, até que as aulas presenciais fossem retomadas. Menciona ter feito contato direto pelo celular e explicou as atividades para incluí-las no processo. Na turma de EI, as aulas em formato híbrido lhe oportunizaram aplicar todos os planejamentos dentro do período previsto. De acordo com a P3, a interação direta com os alunos e espaço escolar fazem muita diferença. Mesmo com os contratempos e dificuldades tanto num formato como o outro, os processos de: observação; criação do projeto pedagógico; planejamentos semanais, ocorreram da mesma forma como seria em período regular. Foram cumpridos todos os passos de um estágio, apenas adequando a prática segundo os protocolos definidos pelos órgãos competentes. Para a P3 houve experiência e aprendizado em ambas as modalidades e acrescenta:

Apesar de ter sido na modalidade online, a gente realmente amadurece e aprende, eu aprendi muito e fiz questão de ter contato com as alunas, mesmo que não fosse presencial, porque a minha ideia era planejar com base real. Eu não estava fazendo uma coisa fictícia, para uma turma fictícia, com pessoas fictícias, não. Fiz o estágio valendo de verdade, com planejamento real. Então sim, foi válido. (P3, 2021)

Para a P4, foi desafiador chegar ao ES e precisar adaptar todo o planejamento para o formato remoto, utilizando recursos audiovisuais numa abordagem mais atual, como os *Podcasts*, para trabalhar os conteúdos e interagir com alunos de uma turma multisseriada de EJA. A P4 destaca a diferença mais importante e que foge da realidade no estágio com formato *online*, em relação ao presencial: os planejamentos. No primeiro, os planejamentos avançam sem contratempos, como se os alunos estivessem evoluindo de maneira uniforme e padronizada, sem as especificidades e dificuldades encontradas nas aulas presenciais, onde os processos de aprendizagem são heterogêneos.

3.4 FORMAÇÃO CONTINUADA E REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

A docência requer de seu agente a permanente busca pelo aprimoramento e renovação. O professor necessita se especializar, reciclar ideias para trazer o novo e provocar seu aluno com novos desafios. O docente deve se desafiar, sair da zona de conforto, investir em sua própria formação, a fim de integralizar seus saberes para que efetivamente sejam promotores de desenvolvimento e aprendizagem. Nóvoa (1991) apresenta o paradigma que regula a formação continuada:

A formação continuada deve estar articulada com o desempenho profissional dos professores, tomando as escolas como lugares de referência. Trata-se de um objetivo que só adquire credibilidade se os programas de formação se estruturam em torno de problemas e de projetos de ação e não em torno de conteúdos acadêmicos. (NÓVOA, 1991, p. 30).

Para a P1 seguir estudando e se qualificando é essencial, vê na especialização uma necessidade, assim como a porta de entrada para o mercado de trabalho. Da mesma forma, a entrevistada P4 descreve que as instituições de ensino estão exigindo, pelo menos uma especialização para contratar novos professores. Em outras escolas, para a vaga de professora titular, é exigido, pelo menos, o mestrado.

A P2 considera que a formação continuada além de promover qualificação profissional, é oportunidade de reflexão sobre o próprio fazer pedagógico, é evoluir. A entrevistada P1 afirma que: “Aprendemos durante toda vida. Eu acho que a gente tem que buscar isso, inclusive para poder seguir. Se tu não te qualificar, se tu não avançar, não vai conseguir seguir” (P1, 2021).

Desde a conclusão da graduação, que ocorreu dois meses antes do início da pandemia, a P1 está fora do mercado de trabalho formal e percebe haver discriminação pelo fator idade no momento de buscar uma vaga como professora na rede privada de ensino (P1 tem 54 anos). Por essa razão tem concentrado esforços dando continuidade à sua formação e ingressou na pós-graduação em Alfabetização; estuda para prestar concursos públicos na rede municipal de Porto Alegre e região Metropolitana; atualmente trabalha como professora particular. Da mesma forma, a P2, com 48 anos, relata que o fator idade tem sido um obstáculo na busca por uma vaga na rede privada. Antes da pandemia trabalhava como auxiliar escolar, mas foi dispensada quando as escolas passaram a operar pelo sistema remoto. A P2 segue procurando por uma oportunidade de trabalho na área educacional; se prepara para os concursos públicos; dá aulas particulares para alunos dos anos iniciais do ensino fundamental.

A estratégia da entrevistada P3, que está concluindo a graduação em 2021/2, é seguir em seu atual emprego, que não tem conexão com a educação, até ser nomeada em algum dos concursos públicos que vem participando desde 2020. Nesse momento, fará a transição para atuar profissionalmente como pedagoga e se dedicará à novas formações e especializações a fim de manter-se atualizada para o mercado.

Na opinião da P4 as exigências são altas e os salários defasados. A pedagoga questiona sobre como é possível para uma recém-formada conseguir trabalhar na área, adquirir recursos para sobreviver e investir na continuidade de sua formação acadêmica, quando já se sai da universidade com a cobrança de uma especialização? Mesmo formada, recebeu, há poucos meses, uma proposta para a vaga de assistente, com carga horária de 8h/dia e remuneração inferior ao salário-mínimo nacional, que atualmente é de R\$ 1.192,40 (um mil cento e noventa e dois reais e quarenta centavos). A entrevistada demonstrou decepção e desmotivação com o mercado de trabalho na área da educação.

Ao longo desse trabalho abordamos o tema da desvalorização da profissão docente que se reflete na baixa remuneração; *status* profissional secundário em relação a outras profissões; visão desrespeitosa da sociedade sobre a prática docente como atividade simples; fácil; que não requer conhecimento especializado; beneficiada por férias prolongadas. A P4 relata que habitualmente ouve de pais e alunos comentários que expressam essa imagem negativa sobre a docência e o sujeito docente. Para a P1 a identidade profissional e a constituição docente são formadas na ação pedagógica: “Primeiro de tudo tem que ter muito amor e dedicação naquilo que faz, e não deixar se impactar pelos problemas que toda a classe, que toda a categoria enfrenta. Eu acho que a gente tem que tentar inovar e ser diferente [...]” (P1,2021).

Fatores como baixa remuneração, sobrecarga de trabalho durante o expediente na escola e demandas que precisam ser realizadas em casa, sem remuneração por hora extra, retratam a realidade da prática docente. Durante o ES os graduandos experimentam essa realidade e passam por diversos desafios que permearão sua vida profissional. Apesar de todos os momentos desafiadores enfrentados desde o ES, e ao longo de toda jornada profissional, a entrevistada P2 aconselha:

Planeja bem a sua aula. Tenha sempre um plano B, um plano C. Mas vai ter frustração, vai ter momentos difíceis, vai ter momentos alegres, com certeza! Mas tudo passa. Tem momentos que estás tão cansada que tem vontade de desistir. Mas a gente não desiste, a gente vai até o fim (P2, 2021).

De acordo com a entrevistada P3 durante o estágio curricular aprende-se muito mais do que se ensina, e por essa razão, é importante estar receptivo a esse aprendizado. Assim, embora desafiadora, a experiência será rica e temos a oportunidade de compartilhar conhecimentos com a professora titular e alunos. Na mesma perspectiva a P4 afirma que o ES é o momento de aprender com os erros e acertos, o importante é tentar, se não der certo é possível corrigir e fazer funcionar numa nova abordagem. Para uma parcela de estudantes, o caráter formativo, avaliativo e prático do estágio curricular, pode ser visto como motivo para desistir e buscar novas atividades profissionais, enquanto para outros, a partir dessa

experiência, reafirmarão sua escolha pela docência. Estes permanecerão para lutar pelo que acreditam: a educação.

3.5 RESULTADOS

Esta foi uma pesquisa exploratória inicial, que não teve a pretensão de definir novos padrões científicos ou apresentar uma descoberta revolucionária sobre o tema. Antes sim, propõe refletir sobre a docência e o exercício pedagógico desde a formação inicial com foco na importância do estágio supervisionado na constituição docente e construção da identidade profissional dos(as) pedagogos(as). A partir das falas das entrevistadas que colaboraram com esse estudo, foi possível compreender os processos constitutivos de um educador, e diversos aspectos que o forjam desde o ingresso na graduação em Pedagogia.

Relembrando a pluralidade dos saberes docentes identificados por Tardif (2010), que são formados pela combinação dos saberes disciplinares, saberes curriculares, saberes profissionais, saberes experienciais, se confirmam nas falas das entrevistadas. As dimensões que formam o saber docente e promovem a identidade profissional são parte constituinte do educador e mobilizam sua prática pedagógica. Nas palavras da entrevistada P4 identificamos a necessidade da formação continuada, da reflexão sobre a própria prática e autorreconhecimento:

Sou uma pedagoga em construção. Mesmo formada, estou em construção. Considero importante não se comparar com os outros e com suas conquistas. Nesse início de carreira, nem todos têm acesso as mesmas oportunidades - ainda tenho muito a estudar, a aprender. (P4, 2021).

A pesquisa compreendeu a finalidade e importância do estágio curricular na formação dos(as) pedagogos(as) e segundo as falas das entrevistadas é o momento mais importante de sua formação, pois a prática pedagógica apresentou uma nova dimensão da identidade docente. De acordo com Pimenta e Lima (2011) o estágio supervisionado deve assumir o protagonismo da formação no curso de Pedagogia. A práxis docente deve estar permeada pela pesquisa-ação e reflexão sobre a prática que promove o desenvolvimento dos sujeitos nessa interação professor e aluno. Nas palavras da P1: “O estágio é a coisa mais importante de toda a graduação” (P1, 2021).

As entrevistadas expressaram sua inconformação com a precariedade das escolas da rede pública, o que a coloca na contramão da democratização do ensino e do acesso a uma educação de qualidade. Libâneo (1993) destaca o papel do professor como agente de desenvolvimento das potencialidades do educando na esfera científica, histórica, política e cultural. Embora a escola pública não seja o foco desta investigação, destacou-se como um aspecto importante a ser considerado o que valida sua referência.

A relação teoria, prática e construção de saberes docentes durante o estágio supervisionado foi pontuada como um processo difícil, que necessita ser adaptado em muitos momentos. A teoria tem sua forma mais rígida e que não se adequa a determinados contextos na rotina das atividades e perfil da turma. Porém é considerada essencial, por todas as entrevistadas, para sustentar e conduzir projetos e planejamentos. Segundo Nóvoa (1995), o estágio curricular é momento de prática pedagógica fundamentada em saberes científicos. Dessa forma, o conhecimento teórico unido aos saberes experienciais, se converte num orientador do exercício pedagógico.

A experiência do ES de algumas das entrevistadas, ocorreu em modalidade *online* ou híbrida durante a pandemia pelo Covid-19. Segundo as Pedagogas participantes do estudo, foi uma experiência válida e promotora vivências e aprendizados transformadores dos saberes docentes. Com exceção da presencialidade que precisou ser adaptada, todas as etapas do estágio foram cumpridas regularmente, como o projeto pedagógico; planejamentos de aulas; preparo de materiais didáticos; uso de recursos tecnológicos; reflexão-crítica sobre a própria prática; pesquisa para fundamentação teórica das atividades e a intervenção pedagógica nos formatos possíveis para aquele contexto. Os desafios dessa experiência fomentaram a criatividade e a reinvenção, direcionando um fazer pedagógico significativo.

De fato, apenas a interação com os alunos não ocorreu ou veio carregada de limitações para garantir a saúde e segurança de professores e alunos. Para as entrevistadas, o chão da sala de aula e o contato direto com o aluno são muito mais impactantes e promovem um maior aprendizado por sua singularidade. Essa condição da prática pedagógica nos convida à reflexão sobre o exercício docente

que permanece se reinventando de acordo com as necessidades e demandas sociais.

Na pauta da formação continuada, não restaram dúvidas sobre a necessidade de seguir buscando novos conhecimentos, permanecer atentos à própria prática, contribuir no papel de agente social, político e transformador que o docente pode se tornar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constituição da docência e identidade profissional são processos que iniciam junto com a graduação, se consolidando a partir do estágio supervisionado e implementado durante toda a atividade profissional. A educação é viva, está em constante movimento, percebido na subjetividade humana, no aprimoramento das técnicas, abordagens e reflexões-críticas que impulsionam as mudanças. Os saberes científicos evoluem todos os dias, a pesquisa continua a caminhar. Para acompanhar essas mudanças o professor precisa fazer sua análise e descobrir qual a maneira mais eficiente de construir pontes para a formação, desenvolvimento e otimização das próprias potencialidades e de cada aluno que receber nos bancos escolares.

Ao chegar nessa etapa do trabalho percebemos que o estágio supervisionado é apenas o princípio da prática docente e que nele passamos a constituir nossa docência e construímos uma identidade profissional carregada de valor e reconhecimento a partir de nós mesmos. Este estudo buscou identificar a importância do estágio curricular para a constituição docente e identidade profissional e os dados do instrumento de pesquisa confirmaram positivamente sua contribuição e relevância.

Mas o ES está longe de oferecer uma formação completa, considerando os fatores implicados na prática docente. A docência se constrói a cada dia, escolha, planejamento, formação e reflexão sobre a própria prática pedagógica. Nos constituímos professores gradativamente, e esse processo exige permaneçamos ativos na docência e pela docência.

Ao longo desse estudo, buscou-se identificar quem é o sujeito docente, seus saberes e o caráter de sua constituição profissional. Por essa razão, é necessário seguir investigando a docência e refletindo criticamente sobre o fazer pedagógico. Reconhecer a importância do papel que desempenha como educador(a) e as transformações que promove na vida de cada aluno e por consequência de toda sociedade, é o primeiro passo para a reintegração do valor e respeito que sempre lhe foi devido.

A concepção e realização desse trabalho exigiu profundo comprometimento com cada etapa do processo. Aprendi muito sobre o processo da pesquisa científica

inicial, e sobre o tema, objeto dessa investigação. Permanece o desejo de seguir aprofundando a investigação nessa temática, que não darei por encerrada. A partir do exercício de escrita de cada capítulo e das contribuições obtidas através das entrevistas, senti o desejo de continuar a estudar o tema que inicialmente me deixou insegura, tanto que perguntei algumas vezes a minha orientadora se acreditava em sua relevância. Ela sempre me incentivou a continuar e acreditar em minha escolha.

Concluindo esse estudo, vejo aprendi e principalmente refleti muito sobre minha própria constituição docente e identidade profissional ao longo dessa pesquisa que considero uma etapa muito marcante de minha formação acadêmica. A pedagogia despertou o desejo de contribuir para o desenvolvimento pleno e formação dos sujeitos aprendentes.

Vejo na educação a porta de acesso à liberdade de pensamento e ações que o saber, conhecer, analisar, refletir e compreender propiciam. Desejo que os estudantes do curso de Pedagogia possam ler esse trabalho e divisar a importância do estágio curricular para sua formação e descoberta da própria docência.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Rosalva Pereira de. **Estágio curricular e práxis pedagógica em espaços não escolares**: a construção de saberes docentes nos cursos de pedagogia da UNEMAT. 2019. 234 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá, 2019.
- BRASIL. **Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 24 nov. 2021.
- BRASIL. **Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 26 de set. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm. Acesso em: 24 nov. 2021
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 03 set. 2021.
- BRASIL, **Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Conselho Nacional De Educação – CNE. Disponível em: normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_rcp0106.pdf?query=LICENCIATURA. Acesso em: 20 set. 2021.
- BRASIL, **Parecer CNE/CP nº 09/2009. Lei Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, e a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nos 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6o da Medida Provisória no 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Disponível em: planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm. Acesso em: 20 set. 2021.
- BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 2. de 01 de julho de 2015**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=136731-rcp002-15-1&category_slug-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 set. 2021.
- CARVALHO SOBRINHO, H. de; SILVA, A. de S.; VALÉRIO, G. M. F. **Livro didático e o professor crítico-reflexivo - associações possíveis**. Itinerarius Reflectionis, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 01–13, 2019. DOI: 10.5216/rir.v15i1.55092. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/55092>. Acesso em: 13 out. 2021.
- DEWEY, John (1897) **'My pedagogic creed', The School Journal**, Volume LIV, Number 3 (January 16, 1897), pages 77-80. <http://www.infed.org/archives/e-texts/e-dew-pc.htm>.
- FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. **Prática pedagógica e docência**: um olhar a partir da epistemologia do conceito. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos [online]. 2016, v. 97, n. 247 [Acessado 11 setembro 2021], pp. 534-551. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S2176-6681/288236353> />. ISSN 2176-6681. Acessado em: 11 set. 2021.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. Trad. Kátia de Mello e Silva. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1986.

FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia**. 10ª. ed. RJ, Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 21ª Edição, São Paulo: j Editora Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer? Teoria e prática em educação**. São Paulo: Vozes, 2002.

IBGE – Dados estatísticos sociais/educação. **Alunos da rede pública de ensino**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30522-internet-chega-a-88-1-dos-estudantes-mas-4-1-milhoes-da-rede-publica-nao-tinham> Acesso em 01 nov. 2021.

LIBÂNEO, José C., **Adeus Professor, Adeus Professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública**. São Paulo: Loyola, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia, ciência da educação?** 4.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LIBÂNEO, J. C. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? *In*: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (org.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2010.

LIMA, M. S. L. **Estágio e aprendizagem da profissão docente**. Brasília: Líder Livro, 2012.

LIMA, Ana Carla R. E. Caminhos da aprendizagem da docência: os dilemas profissionais dos professores iniciantes. *In*: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; D'ÁVILA, Cristina

(org.). **Profissão docente: Novos sentidos, novas perspectivas**. 2 ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

LIMA JARDILINO, José Rubens; FERREIRA DE MOURA BARBOSA, Nayara. **Formação inicial e estágio**: uma reflexão sobre o conceito de “professor-reflexivo”. *Revista Diálogo Educacional*, [S.l.], v. 12, n. 37, p. 763-781, jul. 2012. ISSN 1981-416X. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/4714>. Acesso em: 10 set. 2021. doi: < <http://dx.doi.org/10.7213/dialogo.educ.7202> />.

LUSSICH, Cleonice De Almeida Cunha. **O Estágio Supervisionado Obrigatório na Formação Docente**: Um Estudo a Partir de um Curso de Pedagogia na Modalidade A Distância. 2017. 227P. Tese (Educação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017.

MURARO, D. N. **A prática reflexiva e professor em formação**. *Filosofia e Educação*, Campinas, SP, v. 9, n. 2, p. 48–70, 2017. DOI: 10.20396/rfe.v9i2.8649622. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8649622>. Acesso em: 23 nov. 2021.

NÓVOA, A. **Formação de Professores e Profissão Docente**. Coord. Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. *In*: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NÓVOA, António. Concepções e práticas da formação continuada de professores. *In*: A. NÓVOA (org.) **Formação contínua de professores: realidade e perspectivas**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991.

NÓVOA, A. **Os professores e as histórias de vida**. *In*: NÓVOA, António. *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000.

NÓVOA, A. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2011.

PIMENTA, S. G. **O Estágio na Formação de Professores**: unidade teoria e prática? São Paulo: Cortez, 2005.

PIMENTA, Selma G. **O estágio na formação de professores**: unidade, teoria e prática? São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, S. G. Professor reflexivo: construindo uma crítica. *In*: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (org.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2010.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Org.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2010.

POTTMEIER, S.; GUILHERME, L. H. de S.; FISTAROL, C. F. da S. **Prática pedagógica e docência**: um olhar a partir da epistemologia do conceito. DOXA: Revista Brasileira de

Psicologia e Educação, Araraquara, v. 21, n. 1, p. 182–186, 2019. DOI: 10.30715/doxa.v21i1.13038. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/13038>. Acesso em: 01 nov. 2021.

SILVA, Haíla Ivanilda e Gaspar, Mônica. **Estágio supervisionado: a relação teoria e prática reflexiva na formação de professores do curso de Licenciatura em Pedagogia**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos [online]. 2018, v. 99, n. 251, pp. 205-221. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.99i251.3093>. Acesso em: 29 ago. 2021.

SILVA, Maria Cilene de Menezes. **Processo identitário e saberes docentes: um estudo a partir da prática de ensino no estágio do curso de pedagogia da UFRN**. 2015. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

SCHÖN, D. A. Formar professores como profissionais reflexivos. *In*: NÓVOA, A. (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ROSA, Sandra Regina Bernardes de Oliveira. FILIPAK, Sirley Terezinha. **Paulo Freire: Educação como transformação social**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 12, Vol. 06, pp. 131-141. Dezembro de 2019. ISSN: 2448-0959, Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/paulo-freire>. Acesso em: 29 ago. 2021.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2010.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; GAUTHIER, C. **Formação dos professores e contextos sociais** Porto: Rés, 2001.

APÊNDICE A – Roteiros de Entrevistas Semiestruturadas

Quadro 2 - Roteiro de entrevista estágio supervisionado na modalidade presencial

| PEDAGOGAS P1 e P2 |
|--|
| 1 - Considerando que o Estágio Supervisionado é parte curricular de sua formação acadêmica e profissional, quais suas contribuições para a Constituição Docente dos(as) Pedagogos(as)? |
| 2 - O Estágio Supervisionado foi sua primeira experiência de prática pedagógica? Como foi essa experiência? Sentiu-se preparado(a) para esse momento? |
| 3 - Como ocorreu a relação entre Teoria e Prática durante o processo de Estágio Supervisionado? |
| 4 - Quais foram suas maiores expectativas, aprendizagens e percepções sobre e durante a experiência de Estágio Supervisionado? |
| 5 - Quais os maiores desafios vivenciados durante o Estágio Supervisionado? |
| 6 - O que você poderia me falar em relação a sua identidade docente? O que pensa que impacta em sua identidade profissional e em geral na identidade docente da categoria? |
| 7 - Você considera a continuidade na Formação Docente importante e como ela pode contribuir em sua prática pedagógica? |
| 8 - Qual sua reflexão sobre a constituição de sua Identidade Profissional desde sua formação? |
| 9 - O que você recomendaria para uma estudante do curso de Pedagogia que está iniciando o Estágio Curricular? |

Fonte: Fucilini (2021)

Quadro 3 - Roteiro de entrevista estágio supervisionado na modalidade *online* ou híbrida.

| PEDAGOGAS P3 e P4 |
|--|
| 1 - Considerando que o Estágio Supervisionado é parte curricular obrigatória de sua formação acadêmica e profissional, quais suas contribuições para a Constituição Docente dos(as) Pedagogos(as)? |
| 2 - O Estágio Supervisionado foi sua primeira experiência de prática pedagógica? Como foi essa experiência? Sentiu-se preparado(a) para esse momento? |
| 3 - Como ocorreu a relação entre Teoria e Prática durante o processo de Estágio Supervisionado? |
| 4 - Quais foram suas maiores expectativas, aprendizagens e percepções sobre e durante a experiência de Estágio Supervisionado? |
| 5 - Caso você tenha experimentado o Estágio Supervisionado na modalidade online, pode comentar aspectos dessa experiência e estabelecer comparações com o estágio presencial? |
| 6 - Quais os maiores desafios vivenciados durante o Estágio Supervisionado? |
| 7 - O que você poderia me falar em relação a sua identidade docente? O que pensa que impacta em sua identidade profissional e em geral na identidade docente da categoria? |
| 8 - Você considera a continuidade da Formação Docente importante e como ela pode contribuir em sua prática pedagógica? |
| 9 - Qual sua reflexão sobre a constituição de sua Identidade Profissional desde sua formação? |
| 10 - O que você recomendaria para uma estudante do curso de Pedagogia que está iniciando o Estágio Curricular? |

Fonte: Fucilini (2021)

APÊNDICE B – Transcrições das entrevistas

Entrevista *online* realizada no dia 28 de outubro de 2021.

Entrevistada – Pedagoga 1 (P1)

Idade – 54 anos

Autodeclaração de Gênero - Feminino

Autodeclaração de Raça - Branca

Formação Acadêmica/Profissional – Licenciatura em Pedagogia

Ano da Formação - 2019

Em qual instituição - PUCRS

Estágios Supervisionados foram realizados - Rede Pública de Ensino.

Estágio em Modalidade - Presencial

Nível e Idade dos Alunos de seus estágios supervisionados – Estágio EI

Berçário 1 - Bebês de 3 meses a um 1 ano e 5 meses.

Estágio EF anos iniciais – 2º ano - crianças de 7 e 8 anos, no 2º ano.

Formações Anteriores – Pedagogia foi minha primeira graduação.

Como Pedagogo(a) sua área de atuação - atualmente dou aulas particulares e me preparo para prestar concursos públicos. Estou fazendo especialização em alfabetização.

Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Entrevistadora - Considerando que o Estágio Supervisionado é parte curricular de sua formação acadêmica e profissional, quais suas contribuições para a Constituição Docente dos Pedagogos(as)?

Pedagoga 01 - Eu considero que o estágio é tudo, praticamente a coisa mais importante de toda a graduação. Porque é como sempre digo: a gente vê muita teoria, mas é na prática que tu vais saber o que realmente quer; se é aquela profissão que vai seguir. Porque ali o chão da escola toda essa função é o que te move ou que te desmotiva ou que te motiva. Eu acho que é uma das partes mais

importantes eu acho que é o todo. É complemento total da tua graduação são os estágios. Atuar com crianças na educação, acho que é a parte mais importante.

Entrevistadora - O Estágio Supervisionado foi sua primeira experiência de prática pedagógica? Como foi essa experiência? Sentiu-se preparado(a) para esse momento?

Pedagoga 01 - Eu fiz o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, durante um ano. Esse projeto que participei, através da universidade, me ajudou muito porque comecei a ter contato com as escolas no dia a dia. A partir dessa experiência passei a saber como era toda essa função da escola. Então quando eu fui para o estágio, já tinha essa vivência com os anos iniciais da educação básica. Mas com os bebês, fui para o estágio da educação infantil, eu não tinha nenhum contato. Então foi tudo muito novo, uma experiência maravilhosa, mas eu não tinha nenhuma experiência na área.

Para o estágio nas séries iniciais o PIBID me ajudou bastante, porque eu já tinha um pouco de noção do que era a realidade da escola pública e como era ter o contato com as crianças e toda a função da escola.

Entrevistadora – (Questão indexada em razão de fala da P1 na questão anterior) – Você falou sobre a Realidade da escola pública – poderia falar um pouco mais sobre esse aspecto para a prática docente?

Pedagoga 01 - A escola pública é um desafio, porque vem com muitas dificuldades. As crianças também têm dificuldades. As escolas onde eu fiz os estágios, principalmente a escola dos anos iniciais, tem bastante vulnerabilidade social. As crianças se alimentavam na escola, para muitos alunos, essa merenda era a primeira refeição do dia. E inclusive era oferecida assim que eles chegavam à escola para poder se alimentar. As escolas muito precárias, precisando de muita coisa. Mas é um desafio. Eu quero atuar em escola pública porque eu acho que é o lugar que mais tem necessidade de pessoas que queiram trabalhar, que amem a educação e queiram realmente fazer parte desse processo. É muito difícil a realidade deles (alunos), é muito difícil e eles precisam de muita ajuda. A precariedade, isso é uma coisa que a gente chega a ficar muito triste, o descaso dos governantes com as

escolas públicas é muito grande. Muita gente diz: - Por que a direção da escola não tomou atitude? Mas quando a gente vai fazer parte dessa organização e como tudo funciona mesmo, vê o quanto é difícil. Tive estágio remunerado, foi numa escola da rede municipal na Educação Infantil – EI, então eu fiquei um pouco na Secretaria, fiquei um tempo ajudando a diretora em algumas coisas. Ela fazia os pedidos para as melhorias na escola. Tudo demora, tudo é licitação. As pessoas pensam que ela não pediu, mas ela pediu sim, mas tem toda uma burocracia por trás. Então tudo é muito complicado e realmente difícil. A gente vê que eles precisam muito da gente, de pessoas, de pedagogos que tenham essa vontade mesmo, que amem a profissão.

Entrevistadora - Como ocorreu a relação entre Teoria e Prática durante o processo de Estágio Supervisionado?

Pedagoga 01 - Muito difícil porque uma coisa é a teoria e outra coisa é a prática. Porque quando a gente chega na escola, meu Deus! Acho até que esses estágios deveriam ser mais prolongados. Porque aprendemos toda uma teoria e quando vamos colocar na prática nem sempre é fácil. A gente aprende: - tem que lidar assim! – Isso você não pode fazer! Mas quando chega numa escola... A começar que tudo depende da professora titular. Temos que seguir como essa professora quer, mesmo que não concorde, ou que não está de acordo com o que se aprendeu. Eu passei por várias situações, mas tudo depende daquela professora. Não é como eu quero fazer, ou como a supervisora de estágio te diz. Não, não é! Eu me lembro que comentei isso lá na PUC, durante um encontro ao final do estágio, que ali é que se vê a teoria e a prática. É uma coisa bem complicada e o estágio é muito difícil. Eu acho que é uma das partes mais difíceis da graduação. É um momento que você tem que dar tudo de si. E aí só tem a teoria e você tem que colocar na prática. Tem que dar conta de tudo. É muita cobrança e tu fica num dilema, pois a coordenadora te diz uma coisa, a professora titular te diz outra e tu fica entre a “cruz e a espada”. Tem que seguir a professora titular, porque a turma é dela e ela vai te dar uma nota. Infelizmente é isso porque precisamos, você não pode ir contra. Então, tem muitos colegas, que muitas vezes foram contra os princípios que a professora titular usava e simplesmente tiveram que mudar de escola. Então é bem complicado isso. Tem a

tua turma e tem que seguir aquilo que a professora titular quer. Acho que é uma das partes mais difíceis da graduação.

Entrevistadora - Quais foram suas maiores expectativas, aprendizagens e percepções sobre e durante a experiência de Estágio Supervisionado?

Pedagoga 01 – Eu aprendi que a gente tem que ser humilde, principalmente para lidar com as coisas e as pessoas. Porque a gente vem com uma visão de querer mudar o mundo. Chegamos e tem a professora mais antiga. Mas aquela professora sabe muito e a gente aprende muito também. Porque é um aprendizado enorme. Aprendi muito. A minha expectativa era uma, mas foi tudo diferente daquilo que eu pensei. Mas também eu me realizei bastante como pessoa, porque a tu fazer parte da vida de uma criança e ajudar a ter um aprendizado, aquele vínculo afetivo que se faz. Tanto na EI quando eu fiz com os bebês, que temos aquela ideia de que o bebê só mama e dorme. E não é verdade. Ter toda aquela interação com a criança despertando a curiosidade. Chamando a atenção com projeto de leitura que eu fiz com eles, foi muito gratificante, é um prazer, levamos para a vida toda. Nos Anos Iniciais também, poder contribuir com aquelas crianças, fazer realmente um vínculo afetivo, que faz toda uma diferença, e daí poder contribuir com aquela criança. E tem a questão das famílias também, isso acaba participando de tudo, porque daí vem uma mãe conversar contigo e expõem algumas coisas, e tu já começa a sentir que por trás daquele aluno que é dito bagunceiro ou agitado, tem toda uma função familiar, toda uma história. Então poder ajudar, um pouco, é gratificante. Tem muitas coisas que é frustrante porque não tem como ajudar. Coisas que não tem como alcançar. É uma experiência muito desafiadora. Mas, as expectativas foram muito além. Tem algumas expectativas, mas acabamos descobrindo outras que também acabam acrescentando muito na tua graduação, para a vida.

Entrevistadora - Quais os maiores desafios vivenciados durante o Estágio Supervisionado?

Pedagoga 01 – O maior desafio foi o planejamento. O planejamento que eu fiz, que eu tinha elaborado todos para fazer, principalmente nas férias iniciais. Eu tive que mudar tudo, me reinventar. Fazer tudo de acordo com o que a professora titular

queria. Da maneira como ela queria. Porque a gente aprende a fazer de um jeito e tem que ser assim. Eu tive que me reinventar, eu tive que me superar. Eu passei muita dificuldade. A gente tem que aprender a ser humilde porque a gente ouve muita coisa, a gente é desafiada e tem que estar ali firme e tentar seguir. Porque às vezes tu faz algumas práticas que não dão certo e às vezes está dando certo, mas pode a professora não gostar daquilo que tu estás fazendo e ser repreendida. E tem que aceitar aquilo, porque tu estás aprendendo e realmente é um desafio. A gente tem que ter humildade para aceitar e ouvir o que têm a te ensinar. Muitas vezes a gente acha: - agora eu sou pedagoga eu sei. Mas não sabe, tem que aprender, e a gente aprende. Eu aprendi muito isso. Foi muito difícil para mim, porque eu sou uma pessoa muito sensível e eu tive que aceitar muitas vezes. Assim, foi bem difícil, foi um desafio para mim.

Entrevistadora - O que você poderia me falar em relação a sua identidade docente? O que pensa que impacta em sua identidade profissional e em geral na identidade docente da categoria?

Pedagoga 01 – Eu acho que o professor não é valorizado, é a primeira coisa. É uma profissão que não é valorizada. E tu sabe que tem que amar aquilo que faz. Primeiro de tudo tem que ter muito amor e dedicação naquilo que faz, e não deixar se impactar pelos problemas que toda a classe, toda a categoria enfrenta. Eu acho que a gente tem que tentar inovar e ser diferente e tentar ter aquele apego e pensar mais naquela função que se vai ter como educador e da importância que tem isso. Eu sei que é muito difícil, principalmente para as pessoas, para os professores que estão há anos, eu sei que a gente está começando e às vezes somos um pouco sonhadores, e eles já sabem das dificuldades. As vezes a gente julga aquele professor que está lá, que já está um pouco desanimado, mas não é fácil, é muito desafio. Eu acho que é isso, a gente tem que ter aquela força de seguir de que agora se tem essa função, que é ser um educador. A gente está todo dia aprendendo, a gente tem que ficar sempre se qualificando, procurando se superar. Porque não se pode dizer: - agora eu me formei e pronto. Eu acho que a gente tem que continuar sempre se atualizando. Eu acho que essa é a parte que a gente tem.

Entrevistadora - Você considera a continuidade na Formação Docente importante e como ela pode contribuir em sua prática pedagógica?

Pedagoga 01 – Eu acho que é essencial. E que todos os professores deveriam ser incentivados a seguir com sua formação. Pode ser difícil, mas tem que seguir, tem que continuar, principalmente na inclusão. Porque tem muitos professores despreparados e a formação é tudo. E a gente tem que estar sempre procurando se qualificar, procurando alguma coisa, estar atento ao que está surgindo. Agora mesmo, com essa pandemia a gente tem que se inovar e as novas tecnologias estão aí. A gente tem dificuldade, eu realmente tenho muitas, então a gente tem que inovar. É um desafio para a gente. Eu que sou mais velha, e nunca tive muita noção de tecnologia. Agora estou fazendo uma pós-graduação, tive aula sobre tecnologias. Me lembrei de quando cheguei na PUCRS na graduação de Pedagogia, eu não sabia ligar um computador, não sabia mexer, não sabia nada. E a gente vê que vai progredindo. Não pode achar: - eu não aprendo mais. Foi uma frase que ouvi essa semana, que a pessoa está sempre aprendendo, todo dia, está aprendendo sempre. A gente aprende até a hora de morrer. Eu acho que a gente tem que buscar isso, inclusive para gente poder seguir. Se tu não te qualificar, se tu não avançar, não vai conseguir seguir.

Entrevistadora - Qual sua reflexão sobre a constituição de sua Identidade Profissional desde sua formação?

Pedagoga 01 – Eu me formei e pensei: - eu vou continuar. Estou fazendo essa pós-graduação em alfabetização, então eu estou sempre em contato, estou seguindo, estou me atualizando. Não estou atuando em nenhuma escola no momento, mas eu continuo me atualizando. Acho que é muito importante para mim, porque como eu já tenho essa idade (54 anos), não quero ficar parada sem estar me reformulando e aprendendo. Ser professora para mim é um sonho, me vejo professora... Claro eu não sei como vai ser depois. Eu já tive alguns alunos particulares. Eu vejo que a gente muda muito os pensamentos. O estudo faz isso com a gente, vamos mudando a maneira de pensar. Vamos nos atualizando, a mente vai mudando. Vai abrir a mente para várias questões que se enfrenta na educação. Eu acho, como profissional assim, eu acredito e me sinto bem mais madura. Claro, mesmo sem

estar na prática do dia a dia, considero que evoluí muito nesse tempo. Nesse período todo estar fazendo uma formação continuada, com essa especialização em alfabetização também está me ajudando bastante nessa parte.

Entrevistadora - O que você recomendaria para uma estudante do curso de Pedagogia que está iniciando o Estágio Curricular?

Pedagoga 01 – Eu diria para ela que vai ser um desafio, em primeiro lugar. Em segundo lugar seja humilde, seja dedicada, seja carinhosa, seja aberta a receber críticas, não tenha isso como ofensa porque não é ofensa, é aprendizado, tu vais aprender. Nunca ache que como está ali na sala de aula, e se a tua professora titular é mais antiga, que ela não sabe. Ela sabe muito, ela tem uma outra visão, mas ela tem muito a te ensinar. Eu acho assim, humildade acima de tudo, eu acho que é a palavra-chave.

Entrevistadora – Que riqueza tudo o que me falou. Vai me ajudar muito nesse estudo. E eu te agradeço imensamente por disponibilizar esse tempo para mim. Vou agora encerrar aqui a gravação, mas deixando meu agradecimento.

Entrevista *online* realizada no dia 29 de outubro de 2021.

Entrevistada – Pedagoga 2 – (P2)

Idade – 48 anos

Autodeclaração de Gênero - Feminino

Autodeclaração de Raça - Parda

Formação Acadêmica/Profissional - Pedagogia

Ano da Formação – 2019/2

Em qual instituição - PUCRS

Estágios Supervisionados foram realizados - Rede Pública de Ensino

Estágio em Modalidade - Presencial

Nível e Idade dos Alunos de seu estágio supervisionado – El Jardim B 3 anos e EF 2º ano 7 anos.

Formações Anteriores – Curso técnico em contabilidade no ensino médio.

Como Pedagogo(a) sua área de atuação – dou aulas particulares

Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Entrevistadora - Considerando que o Estágio Supervisionado é parte curricular de sua formação acadêmica e profissional, quais suas contribuições para a Constituição Docente dos Pedagogos(as)?

Pedagoga 2 – A experiência foi válida, sem dúvida. A gente vivenciar esse momento foi muito importante. E eu acho que a gente se sente mais segura quando vai enfrentar lá fora a realidade. Então, para mim, foi uma ótima experiência tanto na educação infantil quanto no fundamental até ajuda a escolher qual área vai escolher para atuar. Então para mim o estágio foi muito importante nesse sentido. É aquela experiência que eu tive de vivenciar me ajudou muito a enfrentar a “gurizada” na escola. Me deu a segurança que eu precisava no estágio supervisionado.

Entrevistadora - O Estágio Supervisionado foi sua primeira experiência de prática pedagógica? Como foi essa experiência? Sentiu-se preparado(a) para esse momento?

Pedagoga 2 – A minha primeira experiência foi no PIBID, em escola pública, trabalhei por dois anos. Foi uma experiência bem interessante, no PIBID eu trabalhei com turmas de primeiro e terceiro anos e vivi uma realidade bem nua e crua, como a gente diz. Porque nessa escola os estudantes eram moradores de uma vila com uma realidade de grande fragilidade social. Eram crianças acostumadas com muita violência. A situação deles era uma bem difícil. Tinha crianças que passaram por situação de abuso sexual, sofriam violência física, emocional, abandono, fome. A realidade da comunidade escolar era bem assim, e eu muitas vezes separei briga de crianças maiores do que eu. O PIBID me colocou de frente para realidade, como se dissesse: - Se quiser ser professora, vai ter que encarar isso na tua vida. Foi assim que eu vi sabe, e eu, mesmo vivendo tudo aquilo ali eu quis continuar porque era o meu sonho era a minha vontade. Mas assim, se tu não se sentes firme, não constrói um equilíbrio emocional, tu não seguir em frente, porque aquilo te abala emocionalmente. Muitas vezes eu estava em casa e me lembrava daquelas crianças que estavam passando toda aquela situação, uns passando fome outros sendo abusados pelo padrasto. Então tudo isso mexe com a gente. Mas também me amadureceu para eu ver eu não vou salvar o mundo, mas eu posso ajudar de uma maneira ou de outra, orientar. Mas te coloca com os pés no chão e te faz perceber essa é a realidade eu não vou poder muito, mas eu posso orientar, posso ajudar, posso fazer a minha parte como professora. Isso me amadureceu muito na época do PIBID. nessa escola foi muito bom, porque eu como eu sempre digo: quem quer ser professora tem que passar por uma escola pública, para ver a realidade que é sabe não só escola particular. Claro a escola particular também pessoas dificuldades, mas a pública é a realidade brasileira. Realmente ver como é que está a situação das escolas, do descaso das escolas por parte do governo, por parte dos professores, por parte da direção, dos pais. É por isso que eu digo: - quem quer ser professor tem que ter essa experiência escola em escola pública. Acho que por causa da minha idade, isso me ajudou bastante a lidar com essa situação. Eu não sei se essa gurizada, esse pessoal mais novo que vão para os estágios vão ter essa condição e

preparo psicológico para enfrentar essa dura realidade. Se a faculdade auxilia nesse sentido eu realmente eu fico meio na dúvida. Como já sou mais madura, então acho que para mim foi mais fácil. Eu não sei assim se essas gurias (graduandas) sabem lidar. Não sei até onde mexe com emocional delas. Não sei como é que está agora, mas sou da opinião que deveria ter estágio, experiência prática desde o primeiro semestre (do curso de Pedagogia). Eu acho que tinha que passar por essa experiência na escola, ao vivo e a cores desde o primeiro semestre sabe para amadurecer e ver se realmente vão querer seguir essa carreira ou não.

Entrevistadora - Como ocorreu a relação entre Teoria e Prática durante o processo de Estágio Supervisionado?

Pedagoga 2 – A gente escuta, a gente vê os professores falando, e a gente até tenta colocar muita coisa em prática da teoria que a gente aprende. Mas às vezes é difícil sabe, às vezes é difícil. A minha dificuldade maior foi na educação infantil. Porque aquelas crianças, elas não tinham uma rotina, elas não tinham uma disciplina, elas não tinham nada. Era um depósito de crianças entendeu? Elas só estavam lá exatamente e a professora só estava ali cuidando para que não se matassem. Mas fora isso não tinha nada, nenhuma preocupação com o bem-estar daquelas crianças tanto intelectualmente como emocionalmente. Elas estavam largadas lá. A minha experiência na EI não foi das melhores, em virtude disso. Mas a minha situação é pouco diferente, tanto que a minha supervisora tirou essa escola, onde fiz o estágio da EI, da seleção das escolas da PUCRS. Não vai ocorrer mais essa experiência lá, porque não foi das melhores. E ela resolveu tirar essa escola da lista do pessoal que ia fazer os estágios.

Entrevistadora - Quais foram suas maiores expectativas, aprendizagens e percepções sobre e durante a experiência de Estágio Supervisionado?

Pedagoga 2 – Da educação infantil eu fiz mil coisas. Organizei uma rotina, fiz tudo lindo e maravilhoso. E foi decepcionante porque eu não conseguia colocar muito em prática, porque as crianças não tinham rotina, elas faziam o que queriam na sala de aula. Eram muitas crianças. Então, por mais que eu tentasse eu não consegui fazer.

Mas no EF, eu não sei se é porque eu já tinha passado por toda aquela experiência na EI, mas o EF foi muito bom. No início eles me testaram, normal. Mas eu consegui fazer tudo aquilo que eu queria e assim eu consegui ter o domínio da turma. Eles me respeitaram, eu apenas olhar para eles e eles sabiam que não era o momento de estar atrapalhando. Que era o momento de estudar e tal. Então para mim foi muito bom. Então a expectativa da EI não foi das melhores, porque eu fiz todo o planejamento, que eu tive que trabalhar muito com a frustração. Teve dias que é cansativo, porque tu estuda, trabalha e tem que fazer todo um planejamento. Várias vezes cheguei lá na EI com trabalhos bonitos, que eu tive que fazer em casa, e eles simplesmente rasgaram. As crianças rasgaram, destruíram aquilo ali sabe. Outras não gostaram, outros gostaram e eu tive de lidar com aquela frustração e foi muito grande. Mas no EF a experiência foi melhor, não sei se pela idade (dos alunos) ou porque eu já tinha passado por aquela situação difícil. Então eu já estava pronta. Não vai conseguir planejar uma aula 100% que todo mundo vai amar. A própria a própria professora Mônica de La Fare, ela sempre nos alertou sobre isso. Ela disse não se iludam vai ter gente que vai gostar e outros não. Tu não vais dar uma aula perfeita sempre, e não vai mesmo. Por mais que se tenha um plano b, não existe essa garantia, e às vezes não tem um planejamento tão bom e acaba saindo uma aula maravilhosa. Então é saber lidar, conhecer muito bem a turma. Que foi uma coisa que aconteceu, eu fiquei mais tempo com eles também no EF. Então eu criei todo um ciclo com eles, toda uma rotina, e eles foram se adaptando comigo e eu com eles. Trabalhei muito essa coisa de brincar, o lúdico com eles que eles gostavam muito. Que a professora titular não tinha essa prática. Então essa experiência, essa expectativa que eu levei para lá com eles foi muito boa no EF. Aprendi a lidar com a frustração, principalmente na educação infantil. Amadureci muito, chorei, teve momentos que eu chorei. Mas depois passou. E no fundamental foi tranquilo assim eu já estava acho que mais preparada. Mas aprendi muito. Aprendi a separar, sabe eu tive que aprender a separar o meu emocional para eu não me envolver com as crianças, porque por mais que eu gostasse deles tudo. Eles vinham me contar muitas situações que para eles é normal, mas para minha realidade não. O que eles me falavam me chocava muito. Teve o caso de uma menininha que veio encontrar que o tio dela tinha dado uma facada na mãe dela. Ela assistiu isso, então aquilo ali mexe, como isso? Meu Deus como uma criança vai ver

esse tipo de situação. Aquilo ali eu fui aprendendo a lidar com aquilo. Eu tinha que separar, porque você senão entrava em desequilíbrio. Eu acho que separar isso e de não me envolver assim muito, por mais que não queira, tu acabas se envolvendo, porque tu gostas deles (os alunos). Mas assim eu consegui manter esse equilíbrio para não entrar em parafuso. Isso me amadureceu muito, ver essa realidade das crianças e poder lidar com isso de uma forma equilibrada. Sabe assim tem coisas não vão mudar, não vão e não adianta se desesperar, então isso me ajudou bastante a crescer. Eu realmente eu cresci muito, amadureci bastante.

Entrevistadora - Quais os maiores desafios vivenciados durante o Estágio Supervisionado?

Pedagoga 2 – O maior desafio foi a educação infantil. Foi ter paciência com aquelas crianças. Porque eles eram terríveis, eram crianças terríveis. Crianças que tinham problemas psicológicos e estavam todos ali juntos e misturados. Tanto que a professora também ela percebeu isso, e por mais que eu tentasse fazer uma aula maravilhosa não tinha como.

Entrevistadora - O que você poderia me falar em relação a sua identidade docente? O que pensa que impacta em sua identidade profissional e em geral na identidade docente da categoria?

Pedagoga 2 – O que mais me mexeu comigo foi essa coisa de crescer, de amadurecer, ver a realidade. Eu sempre me lembrava muito da professora Sônia Bonelli, ela falava assim: - não entre naquela história, não seja um rolo compressor, não façam a mesma coisa que os outros professores estão acostumados a fazer. Senão entra naquele discurso de que ninguém presta, o governo não presta, as crianças não querem nada com nada, então eu vou largar de mão. Então eu sempre me lembrei dela. Sempre quando eu estava na sala de aula, eu me lembrava disso sabe, principalmente aqueles momentos mais difíceis assim. Eu via, eu como professora, que eu podia ajudar eles, na realidade, mudar um pouco aquele mundo. Porque era um mundo tão violento, eles estavam tão acostumados naquela situação, que filmes que eu coloquei, que eu me emocionava, e eles olhavam para

mim e perguntavam: - A profe está chorando? Eles achavam engraçado aquilo ali, porque para eles não tinha essa coisa de emoção, de sentimento. Estavam acostumados a apanhar da vida, ter que batalhar para sobreviver, que eles não têm isso. Então eu comecei a envolver eles nesse sentimento, de um abraçar o outro, porque que também não se abraçavam, não faziam nada. Eu os abraçava, porque eu achava deveria dar o exemplo. Não adiantava eu cobrar coisas que eles não sabem, que a realidade deles é outra então eu comecei a trazer isso para dentro da sala de aula através do aprendizado, de ditados - colocava palavras para que eles pudessem se analisar e se entender um outro. Abraçar, bater palmas, elogiar os colegas, coisa que eles não faziam, eles debochavam e riam. Eu dava muito elogio para eles. Fazia e falava muitas coisas afetivas para eles. Eu tenho que dar o exemplo, então foi isso que eu comecei fazer na sala de aula, eu acho muito importante que a gente leve para eles o exemplo de que um mundo melhor é possível, mesmo com todas as dificuldades. Nem sempre a gente vai estar disposto, eu acho que professores vão ter os seus problemas, chega um dia também que o professor estará esgotado, as crianças também incomodam, sabe? Eles também precisam da gente e a gente também aprende muito com eles. Amadurecer e fazer o melhor de ti. E claro, não que eu seja perfeita, porque tinha dias que eu brigava com eles. Mas chegou no ponto que a gente se harmonizou tanto que bastava olhar para eles que me entendiam. Não tem coisa melhor, é isso mesmo.

Entrevistadora - Você considera a continuidade na Formação Docente importante e como ela pode contribuir em sua prática pedagógica?

Pedagoga 2 – A gente nunca para nunca de aprender. A gente tem que estar sempre estudando, sempre se envolvendo, conhecendo coisas novas. Porque tudo muda muito rápido, e se tu não continuar estudando, tu ficas para trás como aqueles professores antigos, que seguem o mesmo modelo há muito tempo, aquele jeito: ABC, A de Ana, B de Bola... O aprendizado está diferente e não é mais assim. Então, se tu não inovar numa sala de aula, não consegue auxiliar o aluno a aprender, porque ele precisa estar estimulado. Se tu não procurar coisas novas, vai se acostumar com a mesmice da mesma rotina e aí a gente vira o rolo compressor, como a professora Sônia falava.

Entrevistadora - Qual sua reflexão sobre a constituição de sua Identidade Profissional desde sua formação?

Pedagoga 2 – Eu me formei faz dois anos. Com essa coisa da pandemia a gente meio que se perde. Foi muito bom, foi muito importante. Ai a PUC, sinto saudade de tudo. Na época que estava lá, não aguentava mais. Mas é bem como eles falavam, tu vais sentir saudade, e realmente dá saudade da PUCRS. Mas assim, acho que eu me tornei uma pessoa melhor. Eu acho que a Pedagogia, trabalhar com crianças, essa experiência na PUCRS, toda essa vivência que eu tive, os estágios, o PIBID, me tornaram uma pessoa melhor. Eu acho que assim como eu entrei lá isso hoje eu sou totalmente diferente. Vejo as coisas de outra forma eu penso com menos preconceito, com menos discriminação. A gente começa abrir mais a cabeça. Então eu acho que a faculdade foi muito importante para mim. Os estágios nesse sentido essa vivência, com as crianças, com as escolas, os pais também, porque a gente aprende muito com eles. Então acho que foi isso me fez, me tornou uma pessoa melhor sabe mais aberta para o mundo sabe?

Entrevistadora - O que você recomendaria para uma estudante do curso de Pedagogia que está iniciando o Estágio Curricular?

Pedagoga 2 – Eu falaria planeja bem a sua aula. Tenha um plano B, um plano C. Mas vai ter frustração, vai ter momentos difíceis, vai ter momentos alegres, com certeza. Mas tudo passa. Tem momentos que estás tão cansada que tem vontade de desistir. Mas a gente não desiste, a gente vai até ao fim. Porque tudo passa. Então assim: é se preparar psicologicamente, saber que vai enfrentar uma realidade que talvez não seja do mundo dela, uma realidade bem difícil, mas que isso vai passar que ela vai superar. Eu diria, assim no início da faculdade passa pelos estágios, conheça na escola pública desde o início, para ver se é isso que tu queres. E durante o estágio tu só vai concluir essa decisão. Mas eu acho que desde o primeiro semestre já deve conhecer a sala de aula essa vivência na sala de aula, principalmente na escola pública. Para quando chegar lá na hora do estágio não ter esse choque de realidade e talvez não vá pensar: - eu não consigo, - o que estou

fazendo aqui? - não quero mais! Então acho muito importante ter essa experiência desde o início. Vai chegar no estágio e vai estar mais segura, mais confiante, vai ter uma noção do que tu vais enfrentar numa sala de aula.

Entrevistadora – Eu quero agradecer demais a tua disponibilidade e gentileza em participar dessa pesquisa. Muito obrigada.

Entrevista *online* realizada no dia 01 de novembro de 2021.

Entrevistada – Pedagoga 3 (P3)

Idade – 39 anos

Autodeclaração de Gênero - Feminino

Autodeclaração de Raça - Branca

Formação Acadêmica/Profissional – Formanda de Pedagogia

Ano da Formação – 2021/2 – Colação de Grau em 22 de janeiro de 2022

Em qual instituição - PUCRS

Estágios Supervisionados foram realizados - Rede Pública de Ensino

Estágio em Modalidade – Online - EF e Híbrida - EI

Nível e Idade dos Alunos de seu estágio supervisionado – EJA T1 e T2 – 50 anos, EI Jardim B – 5 anos

Formações Anteriores - Não

Como Pedagogo(a) sua área de atuação – Não atuo como pedagoga, estou aguardando colar Grau para ingressar na área. Desejo iniciar trabalhando com a EI.

Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Entrevistadora - Considerando que o Estágio Supervisionado é parte curricular obrigatória de sua formação acadêmica e profissional, quais suas contribuições para a Constituição Docente dos(as) Pedagogos(as)?

Pedagoga 3 - Na minha visão ele (estágio supervisionado) é indispensável. Acho que não teria como existir uma formação sem passar pelos estágios. E mesmo com a experiência que eu tive no *online* e que foi nos anos iniciais do EF (EJA) e foi todo *online*. Mas ainda assim o contato que eu fiz com os alunos, com a turma, toda a questão de planejar o projeto e o contato com a escola, porque existiu isso mesmo. Mesmo na modalidade *online* existiu. E agora então, que eu acabei fazendo presencial, mais ainda é realmente eu acho indispensável o estágio. Ele se torna assustador em algum momento ao longo da nossa graduação, mas depois que a gente passa por ele a gente percebe o quão necessário ele é. Ele é necessário para formação para o nosso próprio amadurecimento dentro da área.

Entrevistadora - O Estágio Supervisionado foi sua primeira experiência de prática pedagógica? Como foi essa experiência? Sentiu-se preparado(a) para esse momento?

Pedagoga 3 - De prática pedagógica sim. Até então, eu só tinha experiência com observações ao longo da graduação, que várias disciplinas a gente precisou ter essa prática da observação para realizar um trabalho. Mas como docente, como professora principal, planejando e tendo contato ali, sim foi a primeira vez. Foi enriquecedor, no primeiro momento o que eu tenho para dizer é que foi enriquecedor, foi maravilhoso os dois (estágios), cada um com as suas características, trouxeram muita experiência e certeza de minha escolha pela educação.

Entrevistadora - Como ocorreu a relação entre Teoria e Prática durante o processo de Estágio Supervisionado?

Pedagoga 3 - Uma coisa que ficou bem clara para mim é o quanto a gente consegue observar que a teoria que a gente vê na faculdade, na PUCRS em específico, que é a minha graduação no meu chão, é importante e o quanto a gente enxerga a aplicação ou a não aplicação dela nas escolas, com os titulares de turma. Então eu acho que sim dá para relacionar. Vejo que em alguns momentos eu pude perceber no meu estágio que não era muito aplicado em determinado momento. Mas eu realmente tentei fazer uma costura, acho que eu consegui fazer uma costura entre teoria e prática. Na verdade, a prática ela não é satisfatória se a gente não costurar com a teoria. A teoria é fundamental. É mais ou menos essa visão que eu tive em relação aos estágios, ela (teoria) é fundamental, às vezes a prática, a gente tem que rebolar para que funcione, mas precisa existir essa costura porque a falta disso, eu observei que deixa umas coisas muito soltas e sem sentido. Então tem que haver essa costura.

Entrevistadora - Quais foram suas maiores expectativas, aprendizagens e percepções sobre e durante a experiência de Estágio Supervisionado?

Pedagoga 3 – A gente acha que durante o curso aprende de tudo, e eu achei que chegaria ao estágio com muita base teórica e que seria suficiente para dar conta dos desafios e que teria muita referência. A prática é diferente e exige coisas que a gente ainda não aprendeu ou que não se aprende na faculdade. Depois que a gente realiza o estágio, a gente vê como tem chão pela frente ainda para aprender. Não dá tempo de colocar toda teoria naquela prática de estágio. Eu acho que a gente vai aprender com o tempo mesmo, ao longo da carreira na educação. Acho que é normal. Mas a gente tem belas pinceladas ali (no estágio). E no final de cada um deles (os estágios) eu percebi que sim, eu posso ser uma professora. Eu tinha uma certa dúvida antes de passar por eles, e eles foram essenciais para que eu tivesse a certeza de que sim é o que eu quero, e sim eu posso ser uma professora.

Entrevistadora - Caso você tenha experimentado o Estágio Supervisionado na modalidade *online*, pode comentar aspectos dessa experiência e estabelecer comparações com o estágio presencial?

Pedagoga 3 - Com certeza o estágio presencial foi infinitamente mais rico. A gente consegue aplicar muito mais. E embora eu tenha tido dois universos bem diferentes que era o EJA no EF e o Jardim B na EI, ambas eram turmas de alfabetização. Porque o Jardim B é pré-escola, e por mais que por lei é tem aquela coisa de: “não vamos alfabetizar”, mas todo mundo sabe que rola ali uma alfabetização, um preparo para isso. Para o aluno já chegar mais preparado para escola. E a minha turma do EJA também era uma turma de alfabetização, e em específico com EJA que foi a modalidade *online* eu senti muita falta desse contato presencial com elas, com as alunas. Eu fiz, por conta própria, muito contato pelo *WhatsApp*, por telefonema, porque elas precisavam de ajuda e eu também tinha uma sede de ajudar. Mas esse distanciamento do *online* eu enfrentei muita dificuldade, justamente pela pelas questões de tecnologia pela característica da modalidade. Essas meninas - que eu chamava “as minhas meninas do EJA”, elas tinham muita dificuldade de internet, de acessar conteúdo, acessar plataformas digitais. Elas nem sabiam como fazer isso. Então, foi assim realmente um desafio. Foi muito mais difícil, eu sentia falta desse presencial para poder ajudar mais. No presencial foi bem diferente. Eu consegui dentro do meu planejamento, aplicar tudo aquilo que eu tinha me

comprometido, que estava dentro do meu planejamento. Consegui fazer todas as aplicações assim na prática. Então foi muito bom. Acho que nada melhor do que o contato ali né? Por mais que a gente tivesse cuidado nesse tempo aí de distanciamento, mas foi bem mais rico, foi mais apaixonante digamos assim. O estágio agregou muito conhecimento, mesmo na modalidade *online* que foi o estágio dos anos iniciais, que é um estágio mais carregado, um tempo maior. mais planejamentos. Porque na verdade é parte de projeto e planejamento foi como se a gente tivesse no presencial, planejando para um presencial e planejando em cima de uma turma. Todo aquele levantamento de dados, de conhecer a turma, tudo isso existiu de fato. Mesmo sem eu estar na sala de aula, na frente delas. Então todo esse trabalho, esse cuidado que precisa ter no estágio, mesmo ele sendo *online*, todas as etapas foram cumpridas. Deu sim para aprender muito, tanto que para o próximo estágio que é o da educação infantil, que eu acabei invertendo a ordem, mas se tornou muito mais fácil ingressar no estágio da educação infantil, depois de ter feito o dos anos iniciais. Apesar de ter sido na modalidade *online*, a gente realmente amadurece e aprende, eu aprendi muito e fiz questão de ter contato com as alunas mesmo que não fosse no presencial porque a minha ideia era planejar com base real. Eu não estava fazendo uma coisa fictícia, para uma turma fictícia, com pessoas fictícias não, fiz o estágio valendo de verdade, com planejamento real. Então sim foi válido.

Entrevistadora - Quais os maiores desafios vivenciados durante o Estágio Supervisionado?

Pedagoga 3 – No EJA, que foi EF anos iniciais o maior desafio foi conseguir ajudá-las (alunas) na alfabetização tendo essa barreira do *online* e barreiras tecnológicas, que era uma característica bem da minha turma, então foi um desafio. Já o outro estágio da educação infantil, é desafiador a gente é entrar numa escola, num estabelecimento e ver, não é assim usar o termo “ver tantas coisas erradas”, talvez esse não seja o mais correto, mas talvez ver uma falta de vontade ou de comprometimento com os alunos, com a educação em si. Então eu acho que a gente sai da graduação com um gás muito grande. A gente está querendo aplicar, querendo viver aquilo, a gente está querendo Ser Professor. A gente se depara com

um universo de pessoas que parecem estar cansadas daquilo, que não querem mais ou que não te dão apoio, ou que tentam até te jogar um balde de água fria sabe? E aí é que está, eu acho que o maior desafio é a gente não se entregar para isso, é a gente seguir uma linha de pensamento de que não (deve ser assim). A gente tira exemplo de tudo, tem os bons exemplos que a gente segue e tem aqueles maus exemplos que a gente pensa assim: “não, isso daqui eu não quero seguir, eu não quero ser esta professora”. Talvez um dos maiores desafios, e eu já estou me preparando para quando eu estiver, de fato, na área, vai ser criar essa “barreirinha” de que o teu tédio ou a tua falta de vontade não vai interferir na minha vontade e no meu trabalho. Então é mais ou menos isso que me chamou a atenção nesse contato presencial que tive, chão da escola.

Entrevistadora - O que você poderia me falar em relação a sua identidade docente? O que pensa que impacta em sua identidade profissional e em geral na identidade docente da categoria?

Pedagoga 3 - Em relação a minha identidade docente o que poderia te falar que fui descobrindo, inclusive através dos estágios, dialogando com a minha orientadora, tive a mesma orientadora/supervisora nos dois estágios. Dialogando muito com ela que cheguei à conclusão de que tenho forte tendência de ser uma professora alfabetizadora. Ela já me deu várias dicas e bastante incentivo para seguir nessa área, porque acho que tenho esse acolhimento necessário de pegar uma educação infantil até um primeiro, um segundo ano, aquela coisa do acolhimento, sabe o professor acolhedor? Eu tenho isso muito forte e eu realmente gostei muito de trabalhar com as questões da alfabetização. Estou fazendo alguns cursos *online*, tudo junto agora no último semestre, mas porque eu realmente estou pensando em me especializar nesse campo, que eu acho que é uma característica forte que eu tenho, e que talvez eu consiga ajudar bastante com essas minhas características. Sobre minha identidade profissional, em geral acho que eu já dei uma pincelada quando eu falei ali do chão da escola. Eu não entendo muito bem o que ocorre para a gente perceber tantos profissionais da área (educação) com pouca vontade, parecendo estar tão cansados ou tão desgostosos da profissão. E isso me leva a refletir que talvez seja essa desvalorização que existe com os professores aqui no

nosso país. Nós não somos valorizados, os nossos salários são baixos, é preciso se especializar muito mesmo. Isso é uma visão que ao longo da graduação eu fui percebendo e de conversar com professores. Número um o professor nunca pode parar de estudar e se aperfeiçoar, para quem gosta de estudar é um prato cheio. Mas muitas vezes até aquele professor que tem muito estudo, ainda assim não é valorizado como deveria, e eu acho que isso acaba deixando algumas pessoas dentro da categoria, desgostosos. Algumas pessoas que acabam largando a área. No meio desse estágio eu conversei bastante com professores e ouvi alguns relatos de gente que largou a profissão. E é bem aquilo, o desafio eu acho que é a gente não se entregar. Porque se a gente se deixar influenciar por essas questões a pessoa não vai querer entrar na área. Então eu acho que primeiro a gente tem que ter muito amor, tem que ter aquela noção de que é uma vocação, tem que amar o que faz e se blindar para não se deixar abater por essas questões.

Entrevistadora - Você considera a continuidade da Formação Docente importante e como ela pode contribuir em sua prática pedagógica?

Pedagoga 3 - Extremamente importante. Quando eu entrei na graduação, eu já entrei com uma certa idade, deixei para estudar mais tarde. Fiz um caminho inverso, primeiro tive minha família, trabalhei muito e depois que o filho cresceu eu resolvi entrar na faculdade. Eu tinha em mente que eu faria uma graduação e estava tudo certo assim, que eu ia trabalhar na área, e que estava tudo certo. Mas ao longo da graduação a gente vai descobrindo, que essa área da educação é apaixonante e viciante pelo menos para mim ela foi. Dá muita vontade de seguir estudando e de seguir conhecendo. E outra, por questões de reconhecimento e valorização não dá para só na graduação, tem que tocar em frente, tem que se especializar. O leque de opções, dentro da educação, é muito grande, são muitas coisas para a gente saber de tudo. Então eu acho que a gente acaba meio que escolhendo um nicho para focar para especializar. E é o que eu pretendo fazer. Mas eu já coloquei na minha cabeça que independentemente da idade de ter entrado na graduação com um pouco mais de idade, parar eu não vou, eu já sei que tão cedo eu não paro mais. E professor tem que estar reciclando sempre, senão ele para no tempo e os alunos param junto com ele tem que estudar.

Entrevistadora - Qual sua reflexão sobre a constituição de sua Identidade Profissional desde sua formação?

Pedagoga 3 – A Pedagogia para mim foi um divisor de águas, eu sempre conto e não tenho nenhuma vergonha de dizer que eu era uma pessoa, eu entrei na graduação com trinta e dois anos, e eu era “perdida”. Eu digo isso porque eu não tinha nada que me agradasse. eu trabalhava por trabalhar, para levar dinheiro para casa para sustentar a família enfim. Mas eu ainda não tinha me encontrado como profissional. E a Pedagogia então abriu um universo para mim, portas e janelas, e aí finalmente eu me encontrei dentro de uma área. Falo isso com muita felicidade e com muita emoção, porque eu tinha uma certa preocupação comigo mesma, porque achava que nunca eu ia me encontrar e quando eu tive essa oportunidade da bolsa do ProUni e pude escolher a Pedagogia, mesmo ela não tendo a ver com a minha área de atuação no momento, que eu atuava quando eu ingressei na faculdade e estou até hoje, e escolhi o lado do coração e foi a coisa mais acertada que eu já fiz na vida. Eu vejo que eu fui me constituindo professor, acho que eu não nasci professora, mas nasceu uma professora ali no curso de Pedagogia da PUC no momento que eu entrei, ali nasceu mais uma professora, e em cada semestre a gente vai se tornando mais e mais para pessoa, o estágio foi assim fundamental, foi a cartada final para ter aquele gostinho, acho que é importante. Já escutei relatos também de gente que desistiu depois de passar pelo estágio que só se formou, mas que pensou: “- não, isso não é para mim”. Para mim foi importante de ver isso é para mim é o que eu quero fazer. E ainda quero crescer muito dentro dessa área, porque eu quero contribuir muito. Eu acho que o professor tem uma contribuição fundamental, essencial na formação de todo cidadão, na formação de toda uma sociedade e eu quero fazer parte dessa contribuição. É uma missão que eu levo para a vida e eu estou muito feliz de ter me encontrado

Entrevistadora - O que você recomendaria para uma estudante do curso de Pedagogia que está iniciando o Estágio Curricular?

Pedagoga 3 - A primeira coisa que eu diria para ela é tudo vai dar certo, no final tudo dá certo. E é um pouco apavorante, toda a faculdade, na verdade toda a

graduação ela é bem corrida, principalmente quando a gente tem outras coisas. A tua vida tem vários outros ciclos juntos ali com a graduação. Então, realmente se torna difícil, cansativo, corrido, mas em relação aos estágios eu diria para ele, para ela colocar todo o seu coração ali. Entrar com a mente aberta de que ali, no estágio, tu vais aprender muito mais do que vai aplicar o que aprendeu. Acho que se aprende muito mais do que se ensina. Ele (estágio) é rico em aprendizagem. Para estar bem receptivo ou receptiva a essas aprendizagens que surgem ali naquele momento do estágio com os alunos, não só com a professora titular, mas com os alunos a gente aprende muito com eles. E é uma delícia no final tudo dá certo e é uma delícia.

Entrevistadora - Quero te agradecer imensamente a participação nessa pesquisa e por tua gentileza em colaborar comigo. Muito obrigada.

Entrevista *online* realizada no dia 04 de novembro de 2021.

Entrevistada – Pedagoga 4 (P4)

Idade – 32 anos

Autodeclaração de Gênero - Feminino

Autodeclaração de Raça - Branca

Formação Acadêmica/Profissional - Pedagoga

Ano da Formação – 2020/2

Em qual instituição - PUCRS

Estágios Supervisionados foram realizados - Rede Pública de Ensino o EF e Rede Privada a EI.

Estágio em Modalidade – EI-Presencial e EF-*Online*

Nível e Idade dos Alunos de seu estágio supervisionado – EI Jardim B 5 a 6 anos. EF EJA – Turma Multisseriada com alunos do 1º ao 5º ano – adolescente e adultos.

Formações Anteriores – somente a Pedagogia.

Como Pedagogo(a) sua área de atuação – Sou Auxiliar de Biblioteca e desenvolvo propostas pedagógicas nessa atividade e eventualmente substituo professoras do 1º ao 5º ano.

Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Entrevistadora - Considerando que o Estágio Supervisionado é parte curricular obrigatória de sua formação acadêmica e profissional, quais suas contribuições para a Constituição Docente dos(as) Pedagogos(as)?

Pedagoga 4 - O estágio te mostra o que tu vais vivenciar a partir de formada. Porque acontece muitos alunos durante a graduação não trabalham na área. Eu mesma, quando comecei a Pedagogia trabalhava como secretária em uma empresa. Depois eu entrei numa escola. Então, quando chegou no estágio eu já tinha uma noção de como seria. Mas por mais que se trabalhe em escola é diferente do momento em que tu assumes uma turma. Então, ali no estágio é que tu vais por tudo aquilo à prova. Porque é muita teoria e prática, e a prática vai ficando para depois.

Porque se analisar, se não trabalha em uma escola, a prática está muito lá no final. Então, tu tiveste três anos de teoria, para só então colocar em prática. Então o estágio é um momento, para mim, apesar de trabalhar em escola, foi um momento bem tenso. Porque durante o curso a ideia de estar com os alunos sob tua responsabilidade é tudo muito bonito, muito lindo, tudo funciona, tudo vai ser maravilhoso, e não, não é. Então o estágio ele é fundamental, não tem como sair do curso, não tem como se formar sem ter passado por ele. Porque ele é o primeiro choque de realidade que a gente vai ter da profissão.

Entrevistadora - O Estágio Supervisionado foi sua primeira experiência de prática pedagógica? Como foi essa experiência? Sentiu-se preparado(a) para esse momento?

Pedagoga 4 - Não foi a minha primeira prática porque eu trabalhava como Auxiliar Escolar em uma escola. Então até chegar no estágio eu já tinha substituído professoras, trabalhava em todas as áreas da escola, na biblioteca eu tinha que pegar as turmas e fazer alguma atividade como a Hora do Conto. Então já tinha tido experiências, mas não me sentia preparada para o estágio. Porque uma coisa é ser auxiliar e se um professor faltar eu substituir, o plano de aula daquela professora está pronto, é só botar em prática. Mas como não tem preparo anterior, vamos ter que colocar ali em prática, mas óbvio que não vai ser a mesma coisa que o professor, porque o professor estudou aquela aula antes, e eu na correria vou fazer o teu melhor e no estágio sou eu no papel do professor. Não me sentia preparada, justamente por ter recebido muita teoria e por mais que na escola eu já tivesse contato com alunos dentro de sala, de ficar só com eles é complicado quando tu te colocas na situação de gestora daquele ambiente. Tem o professor titular te acompanhando ali, mas naquele momento tu és o professor titular, então tu vais tentar resolver as coisas tudo por ti mesma. Em último caso tu vais chamar o professor para te dar um *help*. Então foi bem apavorante. Eu trabalhei sempre em escola de ensino fundamental, levando agora para estágio de infantil, eu nunca tinha trabalhado com crianças dessa faixa etária. E aquilo me apavorou e realmente até hoje eu tenho um pouco de receio, não é que não goste mas se eu puder não trabalhar com a faixa etária dos 4, 5 e 6 anos acho melhor, porque realmente

educação infantil a professora tem uma coisa diferente ao meu ver. Depois eu tive uma experiência muito rápida e não foi em relação ao estágio, mas como essa rede que eu trabalhava também tem várias escolas de educação infantil e ocorreu várias vezes de faltar professora na escola de educação infantil e eles chamarem substituta da unidade que tiver gente disponível. Eu tive dois dias, por exemplo, com uma turma de maternal, nossa eu me realizei sabe? Todo o pavor que eu senti na no Jardim B, no maternal eu me senti maravilhada. Então por mais que que a gente se forme pedagogo é muito complicado, saímos da faculdade aptos a trabalhar com educação infantil do berçário até ensino fundamental no 5º ano, mas cada pedagogo tem suas peculiaridades, preferências, habilidades e dificuldades. Tem professor que vai ser ótimo no terceiro ano e não vai conseguir ser tão bom com uma turma de primeiro ano. Eu como pedagoga vejo que preciso me especializar em alfabetização se eu quiser trabalhar com o primeiro e segundo ano. Realmente é um período que eu nunca pensei nessa possibilidade, nem quando eu fazia faculdade. Tem alunos que durante a graduação dizem: “eu quero ser alfabetizadora”. Eu nunca fui muito da área da alfabetização, me identifico mais com os pequenininhos ou após estar alfabetizado. Então o estágio também te mostra isso, porque nunca vai conseguir escolher no estágio: “eu quero maternal e vou fazer no maternal. Isso vai depender de onde vai fazer o estágio, se vai conseguir ou não. Então depois eu percebi também no estágio com a EJA porque como tinha uma turma multisseriada, eu tinha alunos que não sabiam ler e escrever eu tinha alunos que estariam no quinto ano regular. Durante o estágio tinha mais dificuldade com os alunos em alfabetização do que os que já estavam alfabetizados. Meu estágio do fundamental foi bem punk, porque cada aula eu tinha que fazer por exemplo, uma aula em três planejamentos/módulos. Porque eu tinha que fazer a mesma aula para alguém que estava se alfabetizando, para alguém que estava no meio do processo e para alguém que já estava alfabetizado. E tudo isso em meio a uma pandemia! Então eu ainda consegui manter um certo nível de contato com os alunos, mas a maior parte do estágio ele foi fictício. Mas tinha que planejar pensando nas questões daquela turma. Como eu me inserir na escola logo no início do ano letivo em fevereiro/2020, consegui pegar trinta dias junto com a turma presencialmente. Então acompanhei a turma que eu ia fazer estágio, ao contrário de alguns colegas que tiveram apenas um ou dois dias na turma. Por um lado, esse tempo de convivência me ajudou,

porque eu sabia o nível dos alunos com quem eu estava trabalhando. Me ajudou um pouquinho, fiz todo o planejamento em cima de alunos que eu conversei.

Entrevistadora - Como ocorreu a relação entre Teoria e Prática durante o processo de Estágio Supervisionado?

Pedagoga 4 - A teoria ajuda, com certeza, porque em algum momento vai passar por uma situação e vai lembrar de algo que viu em aula e vai dar um jeito de usar aquilo para solucionar. Mas tem muita coisa que a prática mesmo é que vai te ensinar. Porque como tudo na vida a teoria é muito linda, mas chega na hora ela não funciona. Então muitas coisas eu vi que realmente tinham sentido e que não ia funcionar. Entra muito o caso das abordagens como Paulo Freire, Reggio Emília, Montessori, que a gente aprende nem sempre vão funcionar, não se encaixam de jeito nenhum naquela escola, para aqueles alunos. Hoje, eu pedagoga formada O currículo da PUC mudou, é diferente do currículo que era aplicado durante minha graduação e o que eu vejo é que precisava de muito mais prática. Eu estava fazendo uma comparação com pessoas que conheço de outra universidade e que têm prática desde o primeiro semestre. Toda vez que parava tinha uma semana que fosse de prática em alguma área. Cada vez que conversava com essas pessoas, me comparava e me sentia despreparada. A teoria do curso da PUC é maravilhosa, mas essa função de deixar lá para o final a nossa prática, isso atrasou bastante essa questão de vivermos experiências como pedagogos de verdade. Porque a Pedagogia da PUC é um curso excelente, maravilhoso, isso a gente não vou discutir, mas é ótimo para quem quer seguir carreira acadêmica, é ótimo para quem quer seguir como pesquisadora, nessa área sim é maravilhoso. Mas para quem precisava sair e já dar a cara a tapa ali na prática, pouca prática e muito direto, sem tempo para respirar e processar essa experiência. Poderia ter práticas desde o primeiro semestre. Se eu tivesse uma semana de prática por semestre ou por mês seria muito melhor. Sei como é complicado, nossa eu passei muito trabalho para conseguir encaixar esse tipo de coisa (práticas), mas a gente não sofre tanto porque tem muita teoria, e chegar lá no final do curso e te largar praticamente 4 meses dentro de uma sala de aula, sem a pessoa ter alguma outra vivência antes é muito difícil. Por mais que eu tenha trabalhado em escola é um baque enorme. ou te largar

o medo ali na educação infantil é complicado. Acho que essa preparação, agora que mudou o currículo, me parece que os estágios vão acontecer desde o início do curso, e isso é essencial. A teoria tem que andar junto com a prática. O aluno vai ler sobre uma proposta teoria e vai colocar em prática na sequência. Quando falo sobre a teoria e a prática do curso de Pedagogia da PUCRS, percebi que a gente só se dá conta disso depois, quando estamos lá no final fazendo o estágio. Ali no curso a gente sabe que a prática é importante, mas vai levando, a teoria essa maravilhosa aí quando se chega lá no fim a gente pensa se houvesse colocando em prática desde o começo, seria muito mais tranquilo, não teria tanto sofrimento.

Entrevistadora - Quais foram suas maiores expectativas, aprendizagens e percepções sobre e durante a experiência de Estágio Supervisionado?

Pedagoga 4 - As maiores expectativas é que a gente vá se superar como professora, que chegue lá no final do estágio e deixar os alunos encantados com todo o teu trabalho. É isso se quer! Tipo, eu estudei tanto, eu aprendi tanto, eu quero que seja assim. Eu por exemplo, não sei se por trabalhar na área, tinha comigo não seria assim. Por mais que eu tenha esse anseio, não vai ser assim, não adianta jogar lá em cima a expectativa que não vai rolar, a pessoa vai ficar frustrada. Então eu fui muito tranquila quanto a questão de as coisas darem errado, eu já fui pensando: vai dar coisa errada? Vai. Vai ter plano de aula que não vai dar certo? Vai. E o que eu tenho que saber que não sou uma má pedagoga por causa disso. O que eu tenho que saber é que aquela aula não deu certo e eu preciso contornar. Isso me ajudou bastante. O estágio serviu para reforçar isso, porque eu já via isso acontecer com os professores na escola onde trabalho, tem dias que não vai rolar. Tem horas que vai para fazer uma atividade com toda a emoção e atividade vai ser muito ruim na hora de aplicar. Ou então faz um planejamento sem muita inspiração, mais simples sem muita pretensão e aí aquela aula foi uma maravilha. Na prática se aprende que cada aluno é um aluno e precisamos aprender a lidar com cada um deles. Vai ter aquele aluno que do começo ao final do estágio é o que bagunça. Vai ter aquele aluno que falar um pouco mais forte ele vai se magoar. No estágio percebemos o quanto é complicado uma professora conseguir aprender o jeitinho de cada aluno numa sala com trinta alunos. O professor aprende na prática do chão da

sala de aula que um aluno vai fazer a atividade proposta em cinco minutos, mas que outro aluno vai passar o turno inteiro e não vai conseguir concluir e o professor terá que ficar ao lado dele para ajudar a cumprir a tarefa. É o estágio que traz esse conhecimento. Quanto à expectativa, eu não me desiludi tanto porque já fui com essa ideia de que não vai ser perfeito, vou errar, vou fazer umas aulas muito ruins, mas eu não posso levar isso para mim. Se fiz uma aula ruim hoje, eu vou tentar fazer uma aula melhor amanhã. O estágio é para isso, para testar, porque na real tu vai continuar testando depois de formada, não vai mudar a sua vida só porque pegou o canudo. Então eu não tive nenhum problema com a expectativa, mas foi mais realmente isso que eu te falei que eu ia te pontuando de vou aprender a prática, é maravilhoso, é ótimo ter uma professora orientadora ali do teu lado para te ajudar, porque depois que a gente se formar não vai ter mais.

Entrevistadora - Caso você tenha experimentado o Estágio Supervisionado na modalidade *online*, pode comentar aspectos dessa experiência e estabelecer comparações com o estágio presencial?

Pedagoga 4 - Como aluna, o formato *online* foi um desafio, mas um desafio fácil. Como assim fácil? É muito mais prático não ter uma turma lotada, não ter o deslocamento até o ambiente de trabalho. Por exemplo, eu que iniciei o estágio em EJA, chegava às 18h em casa às 18:30h já tinha que estar lá na escola de onde eu ia sair somente às 22h. Tive que fazer uma adaptação da minha vida naqueles trinta dias que eu estava com turma. A dificuldade da modalidade *online* foi a mesma que todos os professores, que inclusive já eram formados, estavam enfrentando que era se adaptar e fazer tudo no formato *online*. A gente nunca tinha feito uma aula gravada, nunca na vida tinha pensado em fazer um podcast, slide a gente já fazia por causa da própria graduação. Mas esses foram os principais problemas *online*. E claro, bolar planos de aula para uma turma que não se sabe a realidade, se estariam naquele nível de desenvolvimento. A orientadora nos falava: “você vão fazer um plano de aula, sempre imaginando que a turma tá evoluindo”, na verdade o planejamento estaria sempre evoluindo. Nesse ponto foi mais fácil *online*, porque não se pegava os empecilhos fez aquele plano e regride porque tem gente que não está acompanhando, não era necessário regredir, o teu plano estava sempre

avançando. Porque aquele aluno estaria se alfabetizando, ficando pronto para sair daquela etapa e seguindo para a próxima que corresponderia ao fundamental II. A parte complicada para mim no *online* foi porque tenho um pouco de dificuldade de aparecer em vídeo, aí descobri outras formas como gravar *podcasts* - nossa ficava às vezes 5h para gravar um *podcast* porque gaguejava, travava. E o presencial não tem como comparar, afinal tu estás com o aluno, e esse aluno está chorando no canto, outro brigando com o colega, tem um outro que está com algum problema, tem um outro que está dormindo em cima da classe... São muitas pessoas para atender sozinha. Mesmo tendo feito um dos estágios na modalidade *online* eu aprendi muito sobre a realidade da escola pública, as dificuldades, mas no presencial é mais profundo porque tu estás cara a cara com o aluno, dentro da sala de aula e lidando com todo tipo de situação.

Entrevistadora - Quais os maiores desafios vivenciados durante o Estágio Supervisionado?

Pedagoga 4 - O estágio de educação infantil foi bastante difícil, por ter sido na modalidade presencial. Eu tinha os planos de aula, levava, aplicava e muitas vezes esses planos davam errado, com um aluno dava certo, mas com outro não. Havia dias que tinha vontade de pegar o plano de aula rasgar e tocar para cima e dizer para os alunos: “vamos só brincar”. Os planos de aula dando certo ou errado, dentro das suas particularidades, mas no meu caso como foi em uma escola pública uma turma de EJA com planos de aula pensados para eles com todo amor e carinho, mas não foi um plano de aula aplicado efetivamente eu continuei tendo contato com a turma durante o estágio, mas apenas *online*. Outro desafio é que sempre tive muito clara a questão de que o pedagogo não é só professor. Quando entrei na Pedagogia, meu foco sempre foi empresarial porque eu não me via em sala de aula. Gosto muito de ser professora, mas eu me via trabalhando com outras áreas, porque sempre trabalhei na área mais de empresa do que escola. Mas esses anos de escola me mostraram que consigo trabalhar na escola, sendo professora. Claro que a escola é um local muito puxado. Queria saber quem entendeu que professor tem vida boa e fácil? Para uma grande parte da sociedade o pedagogo tem essa imagem de trabalho fácil, a gente ouve de alunos e pais. A criança fala coisas para ti e a

gente sabe que ele está repetindo o que ouviu de seus pais e familiares. Eu sei que como pedagoga eu tenho muitas outras opções, tem uma área ampla, escola, pode trabalhar numa empresa, eu posso trabalhar como pedagoga em uma clínica, hospital. Durante a graduação me desmotivei muitas vezes, é complicado o dia a dia dentro de uma escola. Temos que ter um equilíbrio, a gente brinca que quem trabalha na escola é justamente por não ter equilíbrio. Mas tem muito equilíbrio. Dentro da escola eu já trabalhei em todas as áreas possíveis, já fui professora, já trabalhei na Secretaria, já trabalhei na biblioteca, já trabalhei com a coordenação é complicado lidar com os pais desses alunos, porque o objeto do meu trabalho é uma pessoa, o filho deles e como falei a sociedade coloca um peso negativo sobre o pedagogo os pais e as próprias crianças trazem de casa isso para a gente. Vi muitas dessas crianças replicando coisas que na verdade ela está aprendendo em casa ou então só falando coisas para o professor ou tratando o professor de uma maneira desrespeitosa, mas é porque ele está ouvindo isso em casa, que o “professor não faz nada”, que teu trabalho é uma barbada. Muitos pais acham que ser professora é uma barbada, que tem muito tempo de férias por ano. Afinal, para esses pais o que fazemos é estar dentro da escola cuidando dos filhos dele. Mas se nosso trabalho fosse só cuidar do filho dele, por que esses pais ficam cobrando que o filho deles ainda não está lendo? É complicado, o estágio vai te trazer um monte de desgosto, mas vai te trazer noção do que é ser pedagoga, do porquê cursei a Pedagogia. Te traz totalmente para a realidade, é lindo, é maravilhoso, é muito legal estudar, é muito legal ler teóricos, mas te mostra isso aqui é o que vai fazer agora, se está pronta ou não corre atrás porque agora tu és uma professora e tem que dar conta de tudo. Te vira.

Entrevistadora - O que você poderia me falar em relação a sua identidade docente? O que pensa que impacta em sua identidade profissional e em geral na identidade docente da categoria?

Pedagoga 4 – Hoje, percebo que a quantidade de pedagogos e professores das licenciaturas em geral, que se vêm como peças importantes e fundamentais, é bem maior. No começo da graduação eu via muito aquela questão de pedagogos mais antigos, na maioria concursados, com uma postura e discurso “eu tenho que fazer o

meu trabalho e se lá no final impactar ou não, eu não sei”. Hoje já percebo tanto nos licenciados de EF dos anos finais, como nos pedagogos que trabalham na EI e EF dos anos iniciais, uma ideia de que “sou eu que faço a diferença”. Acho que a classe está voltando a acreditar mais em si e a perceberem que eles fazem a diferença e que não é simplesmente o trabalhar. Saber que eu posso mudar aquele aluno e eu sou importante para aquele o aluno. Mesmo com todo o ambiente ao redor nos dizendo o contrário e nos pressionando toda hora, recebendo tapa toda hora para que a gente volte a pensar que é assim. A gente vê ali no dia a dia como os professores tomam para si a responsabilidade e a satisfação pelas conquistas e avanços dos alunos. É pouco, sim, pode ser pouco, e fico falando para mim, como pedagoga, que a gente tem que melhorar mais ainda a nossa autovalorização. Porque muitas vezes também me pego pensando que daqui a pouco vou ter que trocar de área. Porque é complicado de conseguir emprego, principalmente para quem é recém-formado e não tem muita experiência. Muitas vezes a gente se vê numa situação como a que passei no começo desse ano, fiquei desempregada, chegar naquela situação de repensar se eu fico na minha área e me sujeito a remuneração baixa ou procuro outra coisa, se volto para a área administrativa em que trabalhava quando comecei a graduação e que poderia me dar um pouco mais de estabilidade. Tem certos momentos que a gente se vê numa comparação muito gigante, claro que isso acontece em todas as profissões, quando somos recém-formados a remuneração é mais baixa e de outros a remuneração está lá em cima. Só que a gente tem uma vida, temos filhos, família, precisamos comer, pagar aluguel e nos manter. E aquela remuneração que estão nos oferecendo, na área da educação, não vai dar conta dessa necessidade financeira. Nesse um ano de formada eu vi muita gente que também é recém-formada não estar trabalhando na sua área, mesmo querendo muito, justamente por essa questão financeira. Eu mesma tive propostas absurdas para trabalhar 8h por dia por um salário inferior ao salário, com a desculpa do RH de uma grande rede de educação, porque como eu era recém-formada e estava buscando experiência, eram essas vagas que tinham para recém-formados, justamente para adquirir a experiência. Mas e aí eu vou adquirir experiência, mas daí eu passo fome? Eu acho que isso impacta muito na visão do pedagogo sobre si mesmo. No fundo a gente sabe que é importante, que vai fazer uma diferença enorme na vida das crianças, adolescentes ou adultos. E

claro também podemos impactar negativamente, ninguém está livre disso, mas sabemos que vamos impactar vidas. Só que o teu entorno, por várias vezes, te leva questionar se realmente fiz a escolha certa. Estou há um ano formada e às vezes me pergunto ainda se fiz a escolha certa. Mas a gente fica naquela expectativa de que vai melhorar, então sigo em frente. Sobre a questão de como pedagogo se vê eu recém-formada há menos de um ano, me vejo muito imatura ainda, me vejo que apesar de uma graduação de quatro anos, obviamente a gente fica a graduação inteira ouvindo que a gente nunca vai parar de estudar e que a gente sempre tem que estudar. Só que eu terminei a graduação e pensei e agora? Então tu começa a analisar e ver que realmente não dá para parar. E se parar, já era. Eu, por exemplo até o momento não dei seguimento a nenhuma pós-graduação, a nenhum curso porque tudo envolve dinheiro. As vezes dá para fazer alguma formação gratuita oferecida pelo governo. A gente vai tentando se manter, mas é complicado, porque como eu falei quando se está formado e daqui a pouco te oferecem uma turma tu já pensas: “meu Deus se me largarem nessa turma, e agora”? Porque vejo pensando muito sobre me colocarem numa turma de alfabetização, o que eu vou fazer com essas crianças meu Deus? Porque eu tenho que dar algo para esses alunos, e não me vejo apta a oferecer isso para elas, mesmo depois de quatro anos de graduação. Porque a gente teve uma cadeira de alfabetização, uma cadeira de linguística. E uma cadeira de alfabetização não te torna um alfabetizador. O que acontece é que justamente por isso, os locais de trabalho se aproveitam disso para tentar conseguir um trabalho especializado com preço de mão-de-obra barata, que é a questão das escolas de educação infantil. código do cartão infantil bota lá um anúncio pedindo um pedagogo para uma vaga de Técnico de Desenvolvimento Infantil – TDI. As escolas infantis querem que tenhamos uma formação, mas como somos recém-formados se aproveitam e colocam as regras e se quiser é assim. Os pedagogos estão mudando a sua visão, não é mais aquela coisa de que eu preciso chegar, preciso dar aula e preciso ir embora. Se no final do ano aquele aluno aprendeu, que bom. Se ele não aprendeu, eu fiz o meu trabalho, segue próxima turma. Eu vejo que muitos se importam com isso e realmente se valorizando como uma pessoa que vai fazer a diferença na vida de alguém. Mas o entorno massacra, e as pessoas têm vida. Outra coisa é que não dá para se comparar com os outros. Porque tem o seu colega que está super bem-posicionado, numa boa escola, vivendo uma vida

maravilhosa, enquanto tu estás ali “ralando”. Por isso não tem como se comparar, porque são ser diversos fatores que vão dar oportunidades para cada um. Se ficar te baseando no teu coleguinha do lado não vai rolar. Tu vais encontrar com a turma que estudou e se formou contigo daqui há um ano e vai ver onde cada um está, o que conquistou. E vai ver que a disparidade é grande. É difícil ver isso, nem todos têm as mesmas oportunidades. Mas temos que seguir e fazer a nossa parte.

Entrevistadora - Você considera a continuidade da Formação Docente importante e como ela pode contribuir em sua prática pedagógica?

Pedagoga 4 – Sem a formação continuada não vai existir o pedagogo. Não quero usar nenhuma palavra aqui que menospreze o aprendizado, mas não tem como te manter sem continuar estudando. Porque a todo momento as coisas estão mudando. O próprio ambiente que tem para procurar emprego, está sempre te pedindo mais. De cara a gente já vai perceber que teu curso de graduação já não tem tanto valor no mercado de trabalho. Imagino que daqui a pouco a gente vai chegar numa escola e que o mínimo exigido para concorrer a uma vaga de professor e chegar perto de uma sala de aula é ter pelo menos uma pós-graduação ou um currículo cheio de cursos e especializações, do contrário vão te oferecer o cargo de monitoria de pátio porque não tens as qualificações mínimas. As escolas olham teu currículo, com formação de pedagogo e dizem: “legal, muito bacana que te formou, mas não nos diz nada”. Fazendo uma comparação, por exemplo, escolas de redes pequenas e escolas de grandes redes - eu trabalhei nos dois seguimentos. Nas grandes redes o mínimo exigido é uma pós-graduação e para chegar numa função que talvez tu almejes, o mínimo é ter um mestrado e melhor ainda um doutorado. Nas redes menores se tu tiveres uma pós-graduação tu vais conseguir ir para uma sala de aula e ter tua turma. Caso não tenha vais conseguir cargo de auxiliar. A formação continuada vai te auxiliar como pessoa, porque precisamos seguir aprendendo, porque os alunos estão “voando” na tela frente. Não adianta hoje chegar numa sala de aula e não saber mexer num computador, ou querer dar uma aula como tive quando estava estudando, temos que nos especializar para conseguir acompanhar os alunos, para mim, enquanto profissional, estar me capacitando, vou manter a competência para exercer aquela profissão. Precisamos

disso para nos manter no mercado de trabalho e ter uma vida razoável. Se tu almejas conseguir algo melhor, ser uma professora qualificada e reconhecida dentro de uma instituição é o mínimo. E isso é algo geral e se aplica a quase todas as profissões. Não tem como comparar, por exemplo, eu, formada em Pedagogia chegar no local de trabalho, diferente de alguém que acabou de se formar em arquitetura ou engenharia, a cobrança que, eu pedagoga, vou receber é de uma especialização. E muitos cursos não têm essa exigência imediata. Nós pedagogos, já saímos da universidade com uma cobrança de especialização pesando sobre nós, a sociedade, o mercado de trabalho te dizendo: “tu precisas de muito mais”. Trabalhamos com vidas, com a formação de pessoas. É complicado, aquela questão de motivar quem está começando, acho que cada vez mais os cursos de licenciatura estão perdendo alunos, porque falta aquele incentivo a quem a recém se formou. O mercado de trabalho não é receptivo para a gente que acabou de sair da universidade cheio de sonhos e esperanças, ele chega te dando paulada direto. Está formado e aí o que isso muda para a escola que está contratando? Eles querem mais, o que tu podes oferecer para trabalhar naquela instituição? Só a graduação não serve.

Entrevistadora - Qual sua reflexão sobre a constituição de sua Identidade Profissional desde sua formação?

Pedagoga 4 – A minha reflexão é de que sou uma pedagoga em construção. Estou formada? Estou. Mas estou em construção. Por exemplo, sou formada e embora trabalhe numa escola e realizo atividades dentro da área pedagógica, mas não sou pedagoga na profissão em si. A minha carteira de trabalho não é assinada como pedagoga. Logo que a gente se forma, a primeira ideia é vou ter minha carteira profissional registrada como professora. A gente passa a graduação esperando isso. Mas a gente se forma e vê que não é assim. Talvez tenha aquela colega que já conseguiu e foi mais rápido para ela por diversas razões. Então estou em construção, sou formada, sou pedagoga, mas como comentei várias vezes eu tenho aquele medo de chegar na escola e me oferecerem uma turma e tu vais precisar da conta dela, é contigo agora, segura! Pensar nisso ainda hoje me causa calafrios. Justamente por isso que eu te falei é a construção. Eu sinto que eu preciso de muito

estudo ainda, além daquilo que eu já tenho. Preciso seguir me qualificando, nesse momento da minha vida, não está sendo viável. Mas vamos lá e daqui a pouco, ali na frente, tem que entrar uma especialização em alguma coisa. Pode ser que daqui há alguns anos a gente converse e eu ainda te diga que a alfabetização não dá para mim. Porque durante o meu trabalho em escolas, vi professores sendo prejudicados por isso. Vi uma professora numa turma de terceiro ano fazer um trabalho maravilhoso. Mas esse mesmo professor receber uma turma de primeiro ano e ser demitido no meio do ano letivo porque não alcançaram aquele objetivo que a instituição almejava dele. Sem considerar o excelente trabalho anterior. Essa questão do nosso curso pegar do infantil até o quinto ano, temos que ser bons do infantil até o quinto ano. Porém em nenhuma profissão todo mundo é bom em tudo. Ficamos numa situação em que somos obrigados a ser bons em tudo, ser ótimo no quinto ano me obriga a ser ótimo no primeiro ano também, é complicado. Cada pessoa tem a sua especificidade, eu como pedagoga, por que eu não me vejo como alfabetizadora, eu sou uma péssima pedagoga? Não, claro que não. Eu já fiz trabalhos incríveis com turmas do terceiro ano para cima. Não entra na minha área, mas, por exemplo, já substituí em outra escola um professor do ensino fundamental II, porque o professor de biologia faltou precisei entrar lá naquela sala para a turma não ficar sem aula, e tive um desempenho que eu sei que foi maravilhoso com os adolescentes. Porque eu consigo, inclusive na biblioteca, me expressar melhor com os maiores. Sei que eu tenho uma extrema dificuldade com a alfabetização por exemplo. Mas, lá no meu curso, no meu diploma está dizendo vou dar aula do primeiro ao quinto ano então eu tenho que estar plena e perfeita para dar aulas do primeiro ao quinto ano. Sou sim uma pedagoga em construção, vou ter que estudar muito ainda na minha vida. Vai cair um Monte de rojão no meu colo e eu vou ter que abraçar esses desafios. Durante a graduação, se vê um mundo muito maravilhoso e justamente por aquela questão que estou te falando da comparação entre colegas. Tive colegas desde o começo da graduação já trabalhavam em escolas maravilhosas, muitas vezes eram escolas que eles estudaram na rede privada de ensino. Não estou desmerecendo ninguém, que fique claro, mas muitas vezes colegas que estavam tendo oportunidades ótimas, antes de se formar e aí tu te vês ali formada, e nem perto ainda daquelas oportunidades. É justamente por causa disso que a gente acaba tendo esse monte de conflito. Fico pensando muitas vezes

com a impressão de que joguei quatro anos fora. De parar, me sentar, e pensar: “e agora joguei quatro anos fora”? A impressão que eu tenho é que sou uma porta, que não sei nada. A impressão que tenho é que só passei pela faculdade batido. Aqueles dias que tu não está de boa. Mas daqui a pouco, num outro dia, tu estás lá na escola e tu fez um negócio e alguém chega e te fala que fala: “o que tu fizeste deu muito certo, que bom que teve essa ideia”. E aí tu pensas, poxa, não foram quatro anos fora, eu aprendi alguma coisa. Não estou naquele nível que eu via outras pessoas e talvez eu demore muito tempo ainda para chegar lá. Mas não foi fora, aprendi alguma coisa, para alguma coisa serviu. Talvez não seja perfeito, talvez vá errar muito ainda. Em qualquer profissão tem gente maravilhosamente bem formado e fazendo umas “caquinhas”. Eu vejo muita desmotivação durante o curso, as vezes por parte de terceiros, outras vezes de pessoas ao teu redor, e outras ainda por ti mesmo, de olhar para o lado, achar e pensar que tu é menos, porque aquele colega está melhor que tu profissionalmente.

Entrevistadora - O que você recomendaria para uma estudante do curso de Pedagogia que está iniciando o Estágio Curricular?

Pedagoga 4 - Logo para mim que não sou muito de fantasiar! O que eu diria? Vai dar errado, tu vais ter vontade de chorar, só que lá no final tu vai conseguir. Porque a questão não é só o estágio, é em qualquer coisa que for fazer na tua vida. Às vezes vais tentar fazer alguma coisa e dá errado, estágio pode dar errado. É o fim? Não é o fim. Tu estás fazendo estágio para aprender, não está fazendo estágio para ver perfeição e sim para colocar em prática e ver que tu tens condições de sempre mudar e corrigir. Então o estágio não é uma maravilha, é como o TCC, outro dia estavam me perguntando sobre o TCC e eu falava que vai ser difícil, vai surtar, vai enlouquecer, vai achar que não é capaz, vai chorar, vai se descabelar, vai dizer que nunca mais na vida vai querer fazer isso, vai dizer que não quer se formar, não quero, parei aqui. E quando chegar no final tu vais ver que construiu uma coisa muito bacana. Quando o professor te der uma nota e começar a falar, tu vais pensar; “fui eu que fiz”, e no estágio vai ser a mesma coisa. Tu vais te desesperar quando aquele aluno chegar com um problemão e tu não sabe o que fazer, nem para onde correr e daqui a pouco, um outro dia tu vais fazer alguma coisa que aquele aluno vai

chegar e vai te dar um abraço. E tu vais pensar na hora, eu não fiz nada e olha o resultado que deu. às vezes aquele plano de aula maravilhoso, não causou efeito nenhum, e tem dias que dá um sorriso para um aluno e aquilo é o que mudou tudo. Então o que vou dizer para alguém que vai começar o estágio hoje é vai. Vai dar problema, vai achar que não é capaz, mas tu estás ali justamente para isso e tem gente para te auxiliar e mostrar que nem tudo é ruim, nem tudo na vida é ruim. Então aproveita para aprender, agora é a hora de errar sem cobrança, agora é a hora de tu ver que talvez tal coisa não dá certo. Agora é hora de ver que naquela turma não tem como realizar aquela atividade, que no futuro, com mais calma e maior preparo para fazer dar certo. Agora é o estágio, o momento tem para errar, porque lá na rua quando errar a cobrança vai ser mais dolorida. Tem coisas em mim que sei que não vai ter solução, são algumas coisas minhas. Então eu sei que tenho um ponto negativo, na hora que eu estou lá eu tento melhorar e vou cuidar para que ele não transpareça. É normal do ser humano. Não existe perfeição em nenhuma profissão. O melhor professor do mundo vai ter a hora que ele faz alguma coisa que talvez não esteja certo. Mas ele é humano, o que importa é dar continuidade e tentar melhorar.

Entrevistadora - Muito obrigada, uma riqueza imensa tudo que você falou. Foi muita contribuição, pode ter certeza vai me ajudar bastante no desenvolvimento do trabalho. Obrigada.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br